

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM
ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

VANDER DA CONCEIÇÃO MADEIRA

A selva: viagem de descobrimento

**São Paulo
2007**

VANDER DA CONCEIÇÃO MADEIRA

A selva: viagem de descobrimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando da Motta de Oliveira

São Paulo

2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

Vander da Conceição Madeira

A selva: viagem de descobrimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Benedito de Paula Madeira e Maria da Conceição Silva Madeira, que desde sempre me fizeram saber a importância da dedicação aos estudos. Que investiram todo o possível na educação dos filhos. Que, das palavras cruzadas aos livros, sempre possibilitaram a proximidade com a leitura e a escrita.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Paulo Fernando da Motta de Oliveira, Professor e Orientador sem cujo incentivo, atenção e infinita paciência eu não teria começado e nem terminado o trabalho de pesquisa.

Aos meus irmãos Roney, Ronaldo, Valdir, Vanda e Vilma (leitora primeira dos textos).

Aos meus amigos Paulo da Luz Moreira e Raquel dos Santos Madanêlo Souza, que acreditaram sempre e que sempre ajudaram muito com sugestões, indicações bibliográficas e correções.

Às Profas. Dras. Vima Lia Martin e Mônica Simas pela atenção, pelo apoio, pelas indicações bibliográficas e pelas correções propostas no Exame de Qualificação.

Ao Cnpq, pela concessão da Bolsa de Mestrado.

RESUMO

Este trabalho pretende mostrar como Literatura, História, Memória e Testemunho se cruzam no percurso de Euclides da Cunha e Ferreira de Castro na Amazônia. A “terra sem história” e os homens sem voz se fazem presentes nos *Ensaio Amazônicos* (1905) e *A selva* (1930); mais do que assuntos, são motivos da produção textual. Procura-se demonstrar como os dois autores, movidos por objetivos distintos acabam por apresentar semelhanças de abordagem.

ABSTRACT

This paper discusses the way Literature, History, Memory, and testimony intertwine as Euclides da Cunha and Ferreira de Castro explore the Amazon. The “land with no history” and the voiceless men feature prominently in *Ensaio Amazônicos* (1905) and in *Jungle* (1930). More than themes, these are motifs for textual production. This paper examines how Euclides da Cunha and Ferreira de Castro, aiming at different objectives, end up choosing similar approaches.

PALAVRAS-CHAVE/KEY WORDS

Palavras-chave; Selva, Amazônia, Euclides, Castro, Testemunho

Keywords: Jungle, Amazon, Euclides, Castro, Testimony

E-mail: vandermadeira@yahoo.com.br

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
1. DISTINTOS VIAJANTES.....	10
1.1- DISTINTOS VIAJANTES: EUCLIDES DA CUNHA NA AMAZÔNIA.....	11
1.2- DISTINTOS VIAJANTES: FERREIRA DE CASTRO NA AMAZÔNIA.....	15
1.3- EUCLIDES DA CUNHA E FERREIRA DE CASTRO: DISTINTOS OLHARES.....	19
2- DE PESADELOS E RETORNOS.....	23
2.1- AUTOR E PERSONAGEM NA VIAGEM DE DESCOBRIMENTO.....	25
3- INTENÇÕES E TESTEMUNHOS.....	36
3.1- O LUGAR DE CADA UM.....	37
3.2- DESERDADOS.....	42
3.3- NÃO NATURALISTA.....	43
4- QUESTÃO DE GÊNERO: ROMANCE-REPORTAGEM, NEO-REALISMO, REGIONALISMO.....	45
5. CONTRADIÇÕES DE EUCLIDES.....	49
6- POSSIBILIDADES DE SAÍDA.....	54
7- CONCLUSÃO.....	57
8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

ÍNDICE

RESUMO.....	6
1. DISTINTOS VIAJANTES.....	10
1.1- DISTINTOS VIAJANTES: EUCLIDES DA CUNHA NA AMAZÔNIA.....	11
1.2- DISTINTOS VIAJANTES: FERREIRA DE CASTRO NA AMAZÔNIA.....	15
1.3- EUCLIDES DA CUNHA E FERREIRA DE CASTRO: DISTINTOS OLHARES.....	19
2- DE PESADELOS E RETORNOS.....	23
2.1- AUTOR E PERSONAGEM NA VIAGEM DE DESCOBRIMENTO.....	25
3- INTENÇÕES E TESTEMUNHOS.....	36
3.1- O LUGAR DE CADA UM.....	37
3.2- DESERDADOS.....	42
3.3- NÃO NATURALISTA.....	43
4- QUESTÃO DE GÊNERO: ROMANCE-REPORTAGEM, NEO-REALISMO, REGIONALISMO.....	45
5. CONTRADIÇÕES DE EUCLIDES.....	49
6- POSSIBILIDADES DE SAÍDA.....	54
7- CONCLUSÃO.....	57
8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

1. Distintos viajantes

Portugueses, ingleses, franceses e alemães empreenderam sucessivas “descobertas do Brasil”. Cientistas, aventureiros, artistas, antropólogos, exilados ou mascates, os estrangeiros pintaram variados retratos do país, percorrendo-o, sobretudo no século XIX, em todas as direções. Também em todas as direções vão as crônicas de viagem, pois da geografia à fantasia não faltam histórias que falem de Paraíso e de Inferno nos trópicos, principalmente nos relatos dedicados à região amazônica.

Ainda que predominem estrangeiros, o Brasil dos viajantes também inclui brasileiros, dentre eles um homem célebre: Euclides da Cunha. Entre os estrangeiros, ainda que não o chamemos viajante, destaca-se o português Ferreira de Castro, cuja biografia e sotaque levam a marca de sua origem portuguesa e de sua passagem pelo Brasil.

Mário Domingues, lembrando manifestação ocorrida no Chiado em 1921, o “Comício dos novos”, “contra a imposição do academismo a pretexto da não aceitação de um quadro de Eduardo Viana na Sociedade Nacional de Belas Artes”¹, acaba por lembrar os caminhos percorridos por Ferreira de Castro:

[...] bruscamente, no alto da galeria da velha sala de espetáculos, viu-se um homem todo debruçado do parapeito, a esbravejar, ao mesmo tempo que, num sotaque brasileiro,

¹ NEGREIROS, Almada. Modernismo: Castro e Marinetti In: Alves, Ricardo A. Anarquismo e Neo-realismo: Ferreira de Castro nas encruzilhadas do século. Lisboa: Âncora, 2002.

despejava sobre a platéia uma torrente de invectivas contra os “bonzos” acadêmicos que não queriam ceder o lugar ao futuro, representado pela moderna geração.²

Separados pelo tempo e com interesses diversos, Euclides e Ferreira de Castro percorreram as terras e, sobretudo, os rios da Amazônia. Dois autores reconhecidos, uma obra inconclusa e um romance peculiar, falam-nos de um território cercado por lendas e histórias fantásticas. Um, imbuído de um projeto nacional, contribuiu para a consolidação de uma cartografia física e literária. O outro, propagador de um humanismo sem fronteiras, aproxima Brasil e Portugal através de seus personagens simples.

1.1- Distintos viajantes: Euclides da Cunha na Amazônia

Em 1905, Euclides da Cunha, provavelmente lido por Ferreira de Castro³, viaja para a região amazônica em uma situação duplamente favorável. É o chefe da seção brasileira da *Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* e, como representante do governo, viaja precedido de todas as recomendações oficiais. Como autor de *Os sertões*, viaja precedido pela crescente fama e dotado de um método de observação e descrição já experimentado. É, portanto, esperado e acolhido pela estrutura governamental, política e social da região.

A correspondência do autor nos mostra uma rede de relacionamentos que inclui Coelho Neto, Machado de Assis, José Veríssimo, Afonso Arinos e o Barão do Rio Branco. Ao Euclides viajante não faltaria recepção calorosa em qualquer parte do território nacional.

Euclides, como se vê, não é um viajante qualquer, e sua missão amazônica não é das mais comuns, pois cabe a ele efetuar um reconhecimento do território,

²Cf. DOMINGUES, 1967, citado por Negreiros. Grifo nosso.

³ A hipótese de que o autor tenha tido contato com a obra de Euclides fundamenta-se no fato de que Castro era freqüentador habitual da Biblioteca Pública de Belém do Pará, onde não poderiam faltar exemplares de *Os sertões*, obra que, como afirma Angélica Madeira, “impressionou seus contemporâneos, causando um tal impacto que garantiu três edições seguidas, em 1902, 1903 e 1905 de dois mil exemplares cada, fenômeno editorial raro no Brasil.”

estabelecer marcos, limites, conferir mapas, confirmar nomes de rios, registrar topografia e desenhar uma fronteira. Ciente da tarefa, reconhecendo a magnitude da região e criticando os escribas que o antecederam, Euclides vai dizer que:

É de toda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida. De Humboldt a Emílio Goeldi __ do alvorecer do século passado aos nossos dias, perquirem-na, ansiosos, todos os eleitos. Pois bem, lede-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale; e que ali mesmo cada um se acolheu, deslumbrado, no recanto de uma especialidade. Wallace, Mawe. W. Edward, d’Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, para citar os que me acodem na primeira linha, reduzirem-se a geniais escrevedores de monografias.

[...]

É que o grande rio, malgrado a sua monotonia soberana, evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por igual o cronista ingênuo, o aventureiro romântico e o sábio precavido.⁴

No plano literário, Euclides tinha a intenção de produzir outra obra de “revelação do Brasil”: *Um paraíso perdido*. As questões familiares, no entanto, impediram a realização plena do projeto (Euclides foi assassinado pelo amante de sua esposa, crime que gerou comoção nacional). Ainda no plano literário, deve-se destacar sua preocupação em conhecer os registros dos vários escribas que o precederam na incursão por terras e rios amazônicos.

Como enuncia o autor de *Os sertões*, é volumosa e variada a produção de textos sobre a região. Parece que o mistério do desconhecido atraiu e fecundou imaginações com todo tipo de imagens e fantasias. Ninguém desconhece o par inferno/paraíso, que se alternou e fixou na memória cultural dos relatos, ensaios e ficções sobre o “Novo mundo”. Feitos por viajantes de diversas categorias __ até por aqueles que na floresta não estiveram, mas dela ouviram contar histórias e viajaram

⁴ CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1976, p.101

nos depoimentos alheios __ os relatos que têm como tema a Amazônia envolveram o espaço da Região Norte do Brasil em véu de lendas, mitos e misteriosos acontecimentos.

No entanto, e aí tomamos emprestada uma afirmação de Humberto de Campos, faltava sempre quem se dedicasse a escrever sobre o homem que vivia naquelas terras. Em sua opinião, nem Euclides da Cunha fora capaz de nos apresentar os habitantes humanos da floresta misteriosa. Segundo Campos, Ferreira de Castro foi o iniciador do desvelamento daquele homem, especificamente do homem seringueiro. A opinião de Campos tem uma relevância especial em função de um elemento de sua biografia, pois antes do êxito literário Humberto de Campos foi gerente de seringal no rio Mapuá. O crítico lança mão de sua experiência seringueira ao analisar a obra de Castro:

Nenhum de nós escreveu, porém a obra reclamada e necessária. O que interessa, na Amazônia, à literatura, é o homem, e, particularmente, o seringueiro e a sua tragédia. Para conhecer um e outra fazia-se mister viver no seringal, estudar-lhe o mecanismo, entrar, enfim, na peça, como personagem e não apenas espectador.

Daí, outrossim, termos hoje, até certo ponto, no Sr. Ferreira de Castro, isto é, num escritor estrangeiro, o mais perfeito romancista das nossas tragédias obscuras, e o revelador literário do caudal de sofrimento que rola, soturno e misterioso, por baixo da camada de ouro fluido, pela qual se afere a nossa prosperidade econômica.⁵

A citação de Euclides, sem dúvida, deve-se à lembrança do que ele fizera em *Os sertões*, destacando, descrevendo e analisando “A terra o homem e a luta”, no seu registro da Guerra de canudos. Como se sabe, o projeto d’*Os ensaios*

⁵ CAMPOS, Humberto de. *Crítica*: Segunda série. São Paulo: W.M. Jackson Inc. editores, 1947, p.431-432. Campos assinou em 1933 a primeira crítica sobre *A selva* publicada no Brasil.

*amazônicos*⁶ de Euclides não chegou a ser concluído, mas vários textos que comporiam o volume foram publicados na imprensa. E, diferentemente da missão em Canudos, a tarefa de Euclides na Amazônia não era a de escrevente, mas a de diplomata/demarcador. Ainda que o projeto literário tenha sido interrompido, parece lícito supor que os referidos ensaios tenham sido objeto de leitura ou conhecimento dos vários autores que escreveram posteriormente sobre a floresta amazônica. Como se verá adiante, pelo menos um deles, Carlos de Vasconcelos, refere-se especialmente à abordagem euclidiana do tema na introdução de seu romance. Afrânio Coutinho define Vasconcelos como um descendente literário de Euclides da Cunha e Alberto Rangel. Alfredo Bosi chama atenção para a linguagem de Vasconcelos em *Deserdados*, reconhecendo no romance a presença da prosa euclidiana, “para avaliar a força de sugestão de seu estilo”⁷.

Deve-se sempre ter cuidado com a idéia de “fonte e influência”, mas Euclides tem na historiografia brasileira uma dimensão singular, seja por sua linguagem única, seja pelo efeito de seus escritos e idéias. Tanto é assim, que se esperava que ele, não o Ferreira de Castro, nos desse a obra sobre a realidade humana do seringueiro. Esperava-se que das páginas do autor de *Os sertões* saísse pronta e acabada a imagem do sertanejo deserdado, expulso e engolido pela floresta. A favor do brasileiro pode-se dizer que Euclides se refere ao “homem” em várias passagens dos *Ensaios*, mas justifica a predominância das descrições referentes ao rio Purus e à geografia recordando-nos o motivo de sua viagem: “bem pouco tempo nos restou para nos dedicarmos a outros estudos além dos que constituíam a nossa tarefa principal”⁸. Mesmo que a tarefa principal lhe tenha absorvido o melhor dos esforços, deve-se reconhecer a argúcia do escritor ao descrever o sertanejo/seringueiro, figura e alma, ao preparar e agredir a figura do Judas no sábado de aleluia. O *Judas Asverus* sintetiza a angústia dos homens que abandonaram o sertão seco e se aventuraram na floresta.

Ainda que não se tenha consumado a expectativa de Humberto de Campos, é interessante notar pontos de contato entre *A selva* e os *Ensaios amazônicos*.

⁶ Assim vamos nos referir, doravante, a *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*.

⁷ BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1996.p.312.

⁸ CUNHA, 1976, p.231.

“A região e seus povoadores”; “Entre os seringais”; “O inferno verde”, títulos cunhados por Euclides para *Um paraíso perdido*, bem poderiam encabeçar capítulos d’*A selva*, sem o risco de parecerem inadequados, pois indiciam temas desenvolvidos no romance. Enquanto viaja em direção ao seringal, o personagem Alberto reconhece nomes de cidades cuja origem situa-se do outro lado do Atlântico, lembranças permanentes dos conquistadores portugueses que, em outros tempos, ocuparam-se do reconhecimento e preservação de um território disputado com franceses, holandeses e espanhóis. “Entre os seringais”, seria um título pertinente para a obra de Ferreira de Castro, ainda que sem as sugestões e significados do nome escolhido. Já o “Inferno verde” da solidão, dos perigos, das sombras e do medo do desconhecido, da violência e da miséria está perfeitamente constituído ao longo da narrativa.

1.2- Distintos viajantes: Ferreira de Castro na Amazônia

A chegada de Ferreira de Castro ao Pará, na terceira classe de um navio, deu-se no ano de 1911, nessa época ele tinha onze anos. Como muitos portugueses, fugia das difíceis condições econômicas de sua aldeia. Já seu romance de maior sucesso será escrito no final da década de 1920 em Portugal, para onde o autor retornaria em 1919. O período histórico evocado em *A selva* é também posterior a 1919. A referência às datas se justifica para que possamos nos situar no contexto do ciclo da borracha, cujo auge (1880-1910), gerou uma onda migratória para região. Euclides acaba por registrar o período do fausto, enquanto Castro nos mostra a crise na comercialização da borracha brasileira⁹.

Entre o final do século XIX e a primeira metade do XX, a possibilidade de riqueza levou milhares de brasileiros e estrangeiros, entre eles Ferreira de Castro, a deixarem suas terras para tentar a sorte na região Norte. É dessa riqueza que fala Euclides ao descrever o que era a cidade de Belém quando lá esteve. Também não lhe passa despercebida a quantidade de estrangeiros a transitar por Manaus, a “capital dos seringueiros”:

⁹ Para mais informações sobre o auge e a decadência ver WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência. 1850-1920*.

Em que pese o cosmopolitismo desta Manaus __ onde em cada esquina range um português, rosna um inglês ou canta um italiano __ a nossa gente ainda os domina com as suas famosas qualidades de coração e a mais consoladora surpresa do sulista está em perceber que este nosso Brasil é verdadeiramente grande porque ainda chega até cá.¹⁰

A Belém que Euclides encontrou, e registrou, destacava-se pelo luxo dos casarões repletos de detalhes importados da Europa pelos barões da borracha. A aparência, segundo alguns, remetia às capitais do velho mundo. Em outro contexto, “O pintor alemão Rugendas notou que as classes abastadas [brasileiras] tinham a obstinada mania de querer imitar os costumes ingleses.”¹¹

A Belém referida no romance de Ferreira de Castro apresenta, ainda, a riqueza dos comerciantes e negociantes brasileiros, portugueses e ingleses, mas o preço da borracha iniciara então sua queda irrecuperável. É o fim da ostentação e o início da decadência, provocada pela incúria dos produtores locais e pela concorrência dos seringais europeus cultivados na Ásia.

A produção brasileira, desamparada caiu continuamente e nunca mais conseguiu alcançar os níveis de produção do começo do século XX. A maior exportação registrada e jamais superada foi a de 1912, com 42.410 toneladas.¹²

Márcio Souza, escritor amazonense, analisando a produção literária no, e sobre, o ciclo da borracha afirma que:

¹⁰ GALVÃO, Walnice Nogueira, GALOTTI, Oswaldo. org. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p.250.

¹¹ LISBOA, K. M. *Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX*. In: MOTA, Carlos Guilherme da. (Org) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000p.272.

¹² PRADO, Maria Lígia Coelho. *Borracha na economia brasileira da primeira república*. In: Fausto, B, Org. *Historia Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.302.

Manaus foi a primeira construção Kitsh brasileira, uma cidade do sonho e do delírio, microcosmo das doenças do espírito burguês com toques de selvageria e grossura.¹³

Ele estranha que o autor português não se detenha sobre a efervescência da “Capital dos Seringueiros”, como a chamara Euclides:

É Assombroso que Ferreira de Castro não tenha se preocupado em dizer alguma coisa sobre a inquietude da Cidade. Manaus, no romance, aparece como uma meta fabulosa, mitificada pelo sonho dos seringueiros como uma promessa quase impossível. Além disso, nenhum outro interesse. Não lhe obsedou o desejo de ser europeu e nem teve medo de não ser levado a sério.¹⁴

A perda da primazia brasileira no comércio de borracha vai se manifestar no romance pela preocupação de todos, patrão, comerciante ou empregado, com a queda do preço do produto, “mas mesmo na decadência, era ainda a borracha que movia tudo aquilo”¹⁵.

Se de um lado a produção brasileira caía, de outro o consumo continuava a aumentar com o crescimento das fábricas de automóveis e a conseqüente utilização de pneus. A produção asiática progredia de maneira constante, alcançando em 1920, 304.816 toneladas, dominando assim o mercado mundial. Em 1925, 93% da produção mundial provinha das plantações das colônias inglesas e holandesas.¹⁶

¹³ SOUZA, 1978, p.104.

¹⁴ SOUZA, 1978, p.126.

¹⁵ CASTRO, Ferreira de. A selva. São Paulo: Editora Verbo, 1972, p.45.

¹⁶ PRADO, 1989, p.305.

Além da opulência das cidades, outro fato que chama a atenção de Euclides é a presença numerosa do tipo cearense, tão distante de sua origem. Esse mesmo cearense, juntamente com milhares de outros nordestinos, comporá a massa de trabalhadores perdidos nos caminhos de extração do látex descrito no romance de Ferreira de Castro.

Não há estatísticas seguras acerca do número de nordestinos que se dirigiram para a Amazônia desde o final do século XIX até o início do século XX. Celso Furtado calcula que o número não tenha sido inferior a meio milhão de pessoas.¹⁷

É a esses trabalhadores, condenados a percorrer um círculo sem saída, que Ferreira de Castro dedica *A selva*. É um cearense ___ e a quantidade deles quase justifica que seja assim ___ o personagem Firmino, que fará companhia ao fino e jovem Alberto no barracão miserável encerrado na mata. É um cearense, não mais alegre como o registrara Euclides em sua correspondência, quem dará as lições de sobrevivência ao “brabo” [novato na extração do látex] português. Sobrevivência que não dependia apenas de escapar dos perigos naturais, mas de aprender as regras de sua nova condição de “sujeito”:

No seringal, o “seringalista” era o patrão, o chefe, o responsável por tudo e a ele estavam subordinados todos os indivíduos que ali residiam. [...] Dirigia cem ou mais indivíduos e se caracterizava pela violência e pela exploração, pois quando os trabalhadores ousavam fazer-lhe exigências, pretendiam abandonar o trabalho, cometiam faltas, ou empregavam processos condenados na extração do látex, os meios de punição eram os mais brutais. O seringalista fazia uso do mesmo processo utilizado contra os escravos ___ prendia os trabalhadores no “tronco” e os torturava. Se se considerava ofendido, mandava eliminar o ofensor; sua

¹⁷ PRADO, 1989, p.291.

vontade era lei, o magistrado civil ou a autoridade militar não agiam no seringal.¹⁸

1.3- Euclides da Cunha e Ferreira de Castro: distintos olhares

Ainda que distinta, a perspectiva de cada um dos autores pode ser percebida com um sentido de complementaridade, num jogo de distanciamento e aproximação de um mesmo objeto.

Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem ver através de uma vertigem.

Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente.

É uma grandeza que exige a penetração sutil do microscópio e a visão apertadinha do analista: é um infinito que deve ser dosado.

Quem terá envergadura para tanto? Por mim não terei.¹⁹

A aproximação do “objeto” nos aparece no romance, pois o que se conta é narrado por uma voz que incorpora a angústia do sujeito que, uma vez engajado no seringal, dificilmente percorrerá o caminho de volta. Temos o personagem, não o espectador. Temos o olhar interno que procura justamente a saída, obstruída pela realidade. A semelhança entre o narrado no romance e o analisado por Euclides reforça a importância da perspectiva e não anula as diferenças. Como um exemplo dessa constatação, podemos nos referir à descrição do mecanismo de escravização dos seringueiros, mencionado e explicado por Euclides:

¹⁸ PRADO, 1989, p.294.

¹⁹ GALVÃO, GALOTTI, 1997, p.268.

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num gaiola qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, [...] Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é um *brabo* canhestro, de quem chasqueia o *manso* experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000. [...] raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna. [...]

É natural que ao fim de alguns anos o *freguês* esteja irremediavelmente perdido. A sua dívida avulta ameaçadoramente: três, quatro, cinco, dez contos, às vezes, que não pagará nunca. Queda, então, na mórbida impassibilidade de um felá desprotegido dobrando toda a cerviz à servidão completa.²⁰

O que Euclides denuncia é encenado, vivido e refletido pelos personagens do romance de Castro:

Eu tenho estado sempre a dever. Não há maneira de me livrar daquela conta! Quando seu Alípio foi ao Ceará buscar pessoal, me disse que um homem enriquecia logo que chegava aqui. Eu acreditei naquelas lorotas e, afinal, ainda não paguei a passagem. Eles, assim que nós chegamos, já não dizem mais coisas bonitas. Vendem tudo muito caro, que é para o seringueiro não arranjar saldo e ficar toda a vida nestas brenhas do diabo. [...] Desde que vim para o seringal nunca vi cor do dinheiro.²¹

²⁰ CUNHA, 1976, p.109 -111.

²¹ CASTRO, 1972, p.123.

A fala sóbria, soturna e, mesmo assim, esclarecedora do personagem Firmino pode ser contrastada com a alegria daquele cearense que Euclides encontrou, ainda em Fortaleza, e do qual registrou uma quadrinha:

Minha jangada de vela
 Que vento queres levar
 ___ De dia vento de terra
 ___ De noite vento de mar!²²

A liberdade e o vento do mar nada têm de semelhante ao ar parado e quente da floresta fechada, que oprime o personagem Alberto como oprimira o autor do romance, até mesmo em pesadelo.

Os espaços percorridos e ocupados pelos dois autores se superpõem, os caminhos se cruzam e tangenciam, mas as rotas, destinos e *personas* de cada um se distinguem em seus textos. Euclides, por falta de melhor definição, estaria na categoria dos viajantes, aqueles que iniciam um percurso sabendo/garantindo a volta ao ponto de partida. E, como afirma Antonio Candido “[...] o olhar do viajante não é apenas complexo, mas eventualmente contraditório, e precisa ser decomposto nos seus elementos”²³. A contradição apontada por Candido fica mais evidente quando se sabe que esse viajante, apesar de mestiço, vê o mundo com as lentes de um cientista europeu. Em que pese sua distinta condição, Euclides não passa incólume pelo volume de informações sombrias sobre o território que lhe cabia desbravar. E, se o fascínio pode ser reconhecido nas descrições do autor sobre o comportamento da natureza, uma carta enviada a Edgar Jordão revela um outro aspecto da relação de Euclides com a Amazônia, o temor:

Estou a dois passos do deserto e nas vésperas de uma viagem
 inçada de tropeços, dessas em que a gente leva carta de prego
 para o Desconhecido. Talvez não volte.²⁴

²² GALVÃO, GALOTTI, 1997, p.247.

²³ CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: LEITE, I.B. *Antropologia da viagem; escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*.

²⁴ GALVÃO, GALOTTI, 1997, p.258.

Medo semelhante se apresenta no romance, quando o narrador parece evocar comentários de Euclides sobre o tenso encontro do homem com a floresta: “Dir-se-ia que a selva, como uma fera, aguardava há muitos milhares de anos a chegada de maravilhosa e incognoscível presa”²⁵. Tanto Euclides da Cunha quanto Ferreira de Castro sabem do que falam, pois

Alguns autores calculam que perto de meio milhão de Nordestinos sucumbiram às epidemias, ao impaludismo, à tuberculose ou ao beriberi na época do auge da goma.²⁶

Ferreira de Castro, por sua vez, é o imigrante, aquele cuja volta é uma possibilidade, um desejo talvez, nunca uma certeza.

As observações e conclusões, por vezes claras e objetivas, de Euclides, contrastadas com as interrogações do personagem Alberto, refletem a diferença entre o olhar do viajante engenheiro/cientista/cartógrafo/escritor e o olhar do imigrante/jornalista/escritor português.

A abordagem solidária e social do romance rompe com certezas estabelecidas “cientificamente” e encontradas em profusão nos romances naturalistas. Assim, a afinidade entre o autor e personagens como Alberto, Firmino ou Tiago dá aos personagens uma dimensão humana que supera os determinismos da raça e do meio. Temos aí uma contradição interessante, pois vem do olhar de um europeu, ainda que de outro tempo, uma tentativa de escapar dos condicionantes culturais que, variadas vezes, desenharam uma imagem depreciativa do brasileiro. Quem não se lembra do comentário “sobre o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”²⁷?

Manaus, Belém, Rio Amazonas e Rio Madeira são algumas das imagens comuns aos dois autores, mas um barco (gaiola) rio acima nos leva à margem onde

²⁵ CASTRO, 1972, p.104.

²⁶ GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*, 38ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.100. Como já se disse, as estatísticas sobre o número de migrantes é impreciso. A hipótese sobre o número de mortos indicada por Galeano é semelhante ao número mínimo de migrantes levantada por Celso Furtado.

²⁷ CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 64.

o caminho dos dois autores se separou. Um foi medir e demarcar as fronteiras extremas do território, o outro foi percorrer um caminho circular que, não raro, enlouqueceu os que nele se meteram.

2- De pesadelos e retornos

Em fevereiro de 1911, aos 12 anos, o português Ferreira de Castro parte de Belém para o seringal Paraíso, em plena selva, onde irá trabalhar até 1914, quando retorna à capital paraense. É em Belém que publica, em 1916, seu primeiro romance, *Criminoso por ambição*. Em 1919, depois de ganhar a vida em empregos de baixa remuneração, o autor retorna a Portugal.

Em 1930 Ferreira de Castro publica *A selva*, romance que resgata parte de sua história na Amazônia e a de centenas de cearenses e maranhenses, força de trabalho predominante na extração da borracha. Nas palavras de Afrânio Coutinho:

O seringueiro __ condenado às galés perpétuas da floresta __ vive e palpita no drama pungente desse belo livro. Poucas obras são tão exatas na fixação do homem e da terra da Amazônia. Raros escritores brasileiros conseguiram dar-nos da Amazônia um quadro tão denso, colorido e dramático.²⁸

A selva não se constitui na biografia de Ferreira de Castro, mas, como ele mesmo afirma: “não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente por seu autor”. A vida na floresta deixou marcas profundas no escritor, como ele declara em *Pequena história de “A selva”*, texto que aborda o processo de criação do romance:

[...] não ocorre uma única semana sem eu sonhar que regresso à selva, como, após a evasão frustrada, se volta, de cabeça baixa e braços caídos, a um presídio. E quando o terrível pesadelo me faz acordar, cheio de aflição, tenho de acender a

²⁸ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Sul América, 1970, 4º. v, p.246.

luz e de olhar o quarto até me convencer de que sonho apenas — eu que, nos derradeiros tempos, tanto desejo retornar à selva, para a ver um último dia e dela me despedir para sempre.²⁹

O depoimento de Ferreira de Castro se parece bastante com o de um outro intelectual, Tzvetan Todorov, que reflete sobre sua condição estrangeira em *O homem desenraizado*. Também Todorov tinha pesadelos que focalizavam espaços importantes de sua errância, seu país de adoção e seu país de origem:

Durante muito tempo, acordei aos sobressaltos. Os detalhes se diferenciavam, mas, em linhas gerais, o sonho era sempre o mesmo. Eu não estava mais em Paris, mas em minha cidade natal. Sófia; havia voltado ali por uma razão qualquer e experimentava a alegria de rever os velhos amigos, meus pais, meu quarto. A seguir vinha o momento da partida, do retorno a Paris, e as coisas começavam a se desfigurar. [...] Meus sonhos nunca paravam de inventar novas variantes para essa impossibilidade de partir novamente, mas o resultado era sempre o mesmo: por razões puramente fortuitas, o retorno a Paris conformava-se impossível. Eu deveria doravante viver em Sófia. A Angústia, mesmo em sonho, tornava-se tamanha que eu acordava com o coração acelerado. [...] Compreendi depois que esse sonho era comum a muitos imigrantes, ao menos entre aqueles que vinham do Leste europeu.³⁰

Como se vê, o tipo de pesadelo relatado por Todorov não se restringe aos egressos do Leste europeu, mas parece comum aos que lidam com esse deslocamento de fronteiras reais, pessoais e identitárias. O medo de Todorov se

²⁹ CASTRO, Ferreira de. *Pequena história de "A selva"* in: *A selva*, p.25.

³⁰ TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabó. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.13-14.

relaciona com a história tenebrosa da ditadura comunista na Bulgária e com o processo de construção de uma nova identidade em outro país. O medo de Ferreira de Castro não escapa, também, de um processo dramático de constituição identitária, mas refere-se sobretudo aos variados tipos de sofrimentos vividos na floresta. Os dois autores expõem em obra sua relação com a condição de estrangeiro, de deslocado ou desenraizado. Todorov imprime claro tom pessoal ao referido texto; Castro cria uma ficção cujo personagem principal apresenta diversas diferenças em relação ao autor.

2.1- Autor e personagem na viagem de descobrimento

Ferreira de Castro fala de si ao mesmo tempo em que cria um personagem que é quase um antípoda do autor. No lugar do adolescente de origem simples e com poucas perspectivas temos o bem nascido adulto. No da criança pobre e disposta a se lançar ao trabalho duro encontramos o jovem indolente, o quase bacharel cuja auto imagem é inflada de orgulho. Finalmente, no lugar do humanista socialista, vemos um monarquista cheio de preconceitos.

O teor autobiográfico emerge em vários trechos do romance, tendo importância fundamental na gênese da obra. Mas a opção do autor por criar um personagem distinto de si lhe permite um exercício mais amplo no jogo de contrastes que encontramos no texto.

Temos em *A selva* o que se poderia chamar de percurso de formação/transformação de um personagem. Alberto empreende um deslocamento múltiplo ao sair de Portugal, em direção à Espanha, ao deixar a Europa para se estabelecer no Brasil e ao deixar Belém para se engajar no Paraíso, seringal encravado na floresta. Aliado ao deslocamento geográfico, temos um deslocamento um tanto mais complexo, pois se trata do trânsito de uma posição supostamente estável, cuja culminância seria uma carreira na burocracia portuguesa, para uma situação de absoluta instabilidade, em que viver o dia seguinte é uma possibilidade cheia de riscos. A passagem do personagem pelo seringal vai despi-lo dos traços

iniciais, vai romper certezas e engendrar um outro sujeito, com outra perspectiva em relação a si e aos outros.

O caminho sem volta se inicia quando Alberto, estudante de direito prestes a colar grau, vê-se obrigado a sair de Portugal. O motivo é sua participação na fracassada revolta de 1919, que visava o restabelecimento da Monarquia e o fim da Primeira República. Alberto é um exilado por motivos políticos, o que o diferencia do emigrante que abandona o país em busca de uma vida melhor, como foi o caso de Ferreira de Castro. Contrariamente à figura tradicional do exilado político, imediatamente associado a lutas libertadoras, Alberto é um defensor da superioridade de algumas classes sobre outras.

A referência histórica indica que a chegada de Alberto à capital do Pará dá-se nos anos 20, período de agravamento da crise na exportação da borracha brasileira (Ferreira de Castro chegou ao Brasil no início dessa crise). A queda nas vendas do produto faz com que Alberto perca seu emprego no comércio, levando-o à condição de dependente da benevolência de seu tio Macedo.

Vivesse em Portugal, Macedo seria a representação perfeita daquilo que o Romantismo português denominava “brasileiro”, o emigrante que, saindo pobre de sua aldeia, voltava anos depois carregado de riquezas. Nas palavras de Eça de Queirós:

Sempre que o enredo, como se dizia nesses tempos vetustos em que as musas viviam, necessitava um ser de animalidade inferior, um boçal ou um grotesco, o Romantismo lá tinha no seu poeirento depósito de figuras de papelão, recortadas pelos mestres, o brasileiro __ já engonçado, já enfardelado, com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando placidamente na linguagem mais bronca os sentimentos mais sórdidos. Basta só colar-lhe na nuca um nome bem plebeu, [e] arranjar-lhe uma aldeia de origem que cheirasse bem a curral [...]³¹

³¹ QUEIRÓS, Eça de. Carta-prefácio do livro de Luís de Magalhães. In: MAGALHÃES, Luís de. O brasileiro Soares. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. S.d, p.19.

Ao gordo e manhoso Macedo só não são atribuídos os joanetes. Não se deixam dúvidas, no entanto, quanto ao seu caráter: “[...] a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos. [...] Fora assim que o tio enriquecera e tinha já duas quintas em Portugal”.³² Embora rico, Macedo não estava disposto a sustentar Alberto.

A narrativa de Ferreira de Castro apresenta Macedo como um tipo comum no comércio da região, ávido em obter o máximo de lucro, principalmente dos seringueiros que conseguiam juntar dinheiro para abandonar a selva:

[...] a caminho da terra nativa, nos confins do Maranhão ou do Ceará, lá estava Macedo com os colegas e as suas hospedarias, que o haviam explorado na subida (ao seringueiro) e agora o exploravam muito mais ainda, com uma intérmina série de ardis, que ia da “vermelhinha”, onde se começava por ganhar muito e se acabava por perder tudo, até o latrocínio, executado sob a proteção do álcool.³³

É essa figura sombria, quase caricatura, que planeja livrar-se dos gastos com o sobrinho convencendo-o das falsas possibilidades de riqueza que esperavam os seringueiros no meio da floresta. As artimanhas de Macedo surtem o efeito esperado, pois Alberto, um “jovem alto e magro, cabelo negro e olhos amortecidos, denunciando vida indolente”³⁴, concorda em partir para o seringal Paraíso. Começa, então, a transformação do nosso imigrante.

Apesar dos seus atributos de estudante de direito, letrado, branco e monarquista, Alberto vê-se, de repente, na mesma situação de seus companheiros de viagem, uma leva de pobres e analfabetos nordestinos, aliciados, sobretudo no Ceará, para trabalhar na extração do látex. Exceto Alberto, os trabalhadores são “todos de cor, mulatos uns, mais carregado o escuro nos outros”³⁵. Nesse

³² CASTRO, 1972, p.41.

³³ CASTRO, 1972, p.42.

³⁴ CASTRO, 1972, p.38.

³⁵ CASTRO, 1972, p.46.

ambiente, a certeza de sua condição superior e as promessas de Macedo fazem com que o português espere um tratamento diferenciado por parte de Balbino, o aliciador. Sua confiança é tanta que nem o perturba o fato de que, como os nordestinos, ele já inicie a jornada com uma dívida a ser paga com trabalho. Como era comum acontecer, Alberto herda a dívida de um dos migrantes, que fugira do aliciador ao chegar a Belém. Suas ilusões de superioridade começam a ser dissipadas logo no embarque. Enquanto a Balbino está reservado um lugar na primeira classe da embarcação, aos contratados cabe disputar espaço, entre si e com as cargas, no convés da terceira, úmido, sujo e viscoso.

Forçado a partilhar o espaço com os companheiros de viagem, Alberto reflete, negativamente, sobre os defensores da democracia,

defensores da igualdade humana, que ele combatera e o haviam atirado para o exílio. [...] Queria vê-los ali, ao seu lado, para lhes perguntar se era com aquela humanidade primária que pretendiam restaurar o Mundo. [...] Possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o Mundo com sua ignorância, que tiravam à vida coletiva a beleza e a elevação que ela podia ter? [...] Só as seleções e as castas, com direitos hereditários, tesouro das famílias privilegiadas, longamente evoluídas, poderiam levar o povo a um mais alto estádio.³⁶

Tudo isso pensa Alberto, que não tardará a descobrir que seu destino o ligara não à casta superior da qual pensava fazer parte, mas aos rudes e incultos que ele despreza. Ele em novo exílio, eles exilados no próprio país, gente de “atitudes provisórias no ambiente estranho”³⁷.

As humilhantes condições da viagem abrem as primeiras fissuras na identidade de Alberto, admirador dos aventureiros portugueses, que em outros tempos conquistaram o mundo e desbravaram a Amazônia. Os nomes de rios e

³⁶ CASTRO, 1972, p.55.

³⁷ CASTRO, 1972, p.52.

idades amazônicas, dados por conquistadores portugueses, aumentam o orgulho do imigrante, “fazendo-o vibrar como se fossem pertença sua, como se houvessem (as façanhas) sido cometidas por ele próprio”³⁸. Como veremos, nem a lembrança de nomes como Santarém, Óbidos ou Alenquer serão capazes de preservar, por muito tempo, o sentimento de superioridade de Alberto.

Balbino, apesar do que prometera Macedo, não dá a Alberto qualquer tratamento especial, alojamento ou comida de primeira. Humilhado pelas condições da viagem, Alberto começa a compreender sua nova condição.

A chegada ao Paraíso é o início de um pesadelo. O português, bem vestido e com “ares” aristocráticos, vê-se alvo da curiosidade e chacota dos habitantes antigos do lugar. Tudo em Alberto desperta a desconfiança do proprietário, Juca Tristão, que não crê na competência do estrangeiro para o trabalho duro de extração da seringa. Se em Belém e Manaus o sotaque português era ouvido em toda parte, se em toda tabuleta comercial se reconhecia o nome de um patrício, no seringal “só Alberto marcava a existência da nacionalidade”³⁹.

A origem comum de trabalhadores antigos e novatos, todos maranhenses ou cearenses, faz com que se estabeleça uma rápida camaradagem entre eles. Os antigos desejosos de notícias sobre lugares e pessoas conhecidas, os novatos curiosos quanto à nova vida. Somente o português não era interpelado, mas “a sua alvura e porte urbano chamavam inquietadoras curiosidades”⁴⁰. Não sendo a língua um problema a impedir a comunicação, o que falta a Alberto são laços culturais que o integrem à comunidade dos seringueiros. Em nenhum outro momento do romance ele será tão estrangeiro.

Perseguido pelos capatazes, sempre a cobrar evolução do seu trabalho, Alberto torna-se alvo da solidariedade de Firmino, seu companheiro na floresta e instrutor no ofício de seringueiro.

É Firmino o maior responsável pela transformação de Alberto. Isolado em um barracão no meio da mata o imigrante vê-se confrontado com suas certezas, seus conceitos de classe e humanidade. Sua cultura acadêmica e urbana de nada lhe

³⁸ CASTRO, 1972, p.59.

³⁹ CASTRO, 1972, p.89.

⁴⁰ CASTRO, 1972, p.96.

serve naquele ambiente. O seringueiro rude, sempre disposto a ajudar o novato, perturba e emociona o estrangeiro com sua capacidade de demonstrar ternura. Ante a perplexidade do português, é Firmino que explica a Alberto sua nova condição de vida. Consciente de sua situação__ mais do que Alberto esperaria__ o nordestino expõe ao companheiro os mecanismos que fazem com que os seringueiros trabalhem para escravizar-se. Firmino explica ao “brabo” que os mecanismos de controle aplicados aos trabalhadores não admitem contestação. Fuga, baixa produtividade e insubordinação podem levar um homem à morte. Mesmo o doente é punido, pois a impossibilidade de produzir eleva a dívida do seringueiro, obrigado a comprar do patrão os remédios utilizados no tratamento. Firmino quase ecoa as observações de Euclides:

Fugir? (O seringueiro) Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões acordo de não aceitarem, uns os empregados de outros, antes de saldadas as dívidas.⁴¹

As lições do cearense são sucessivas e Alberto não tarda a perceber a importância da submissão, algo exasperante para quem se julgava destinado a conduzir o povo, mas que a realidade o obrigava a aprender.

Os “Regulamentos” dos seringais são a este propósito dolorosamente expressivos. Lendo-os, vê-se o renascer de um feudalismo acalcanhado e bronco. O patrão inflexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, cousas assombrosas.⁴²

Assim como Firmino sonha com a volta ao Ceará, as lembranças de Portugal não abandonam Alberto, sendo freqüentes as comparações entre a exuberância da selva e a natureza na terra natal:

⁴¹ CUNHA, 1976, p.111.

⁴² CUNHA, 1976, p.111.

[...] a selva tinha, como os monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espiavam de todos os lados. Nada a assemelhava às últimas florestas do velho mundo, onde o espírito busca enlevo e o corpo frescura; assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e as suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso e anseio de fuga.⁴³

As saudades de casa tornam maior o sofrimento do imigrante, fazendo-o questionar, até mesmo, os princípios políticos que o levaram ao exílio.

As dificuldades comuns e a boa índole de Firmino, uma espécie de antítese de Macedo, fomentam o processo de identificação de Alberto com os seringueiros. Sobre muito pouco do aristocrático estudante de direito. Observe-se, que apesar de seus esforços, o personagem, aos olhos dos demais habitantes do seringal, jamais deixa de ser o estrangeiro. Seja nas bem intencionadas palavras de Firmino, seja nas admoestações de Juca Tristão ou algum de seus capatazes, ganha relevo sua condição de diferente. Para o companheiro “o seringal não é lugar para um homem com a sua pele”⁴⁴. Para Caetano, um dos capatazes, foi um erro contratar o português, pois “já é sabido que carcamano e marinheiro só são bons para regatão”⁴⁵. Balbino, por sua vez, destila sua desconfiança e rancor:

Esses portugueses e carcamanos quando estão lá na cidade e precisam de nós, não têm vergonha nenhuma e fingem de mansos para os trazermos. Depois se tornam malandros e são traiçoeiros como surucucu.⁴⁶

O jogo de contrastes, referido anteriormente, ganha relevo quando lembramos as depreciativas primeiras impressões de Alberto quanto aos seus futuros

⁴³ CASTRO, 1972, p.115.

⁴⁴ CASTRO, 1972, p.125.

⁴⁵ CASTRO, 1972, p.98. Regatão era o indivíduo que comprava borracha diretamente do seringueiro na floresta, para posteriormente vendê-la aos comerciantes de Manaus ou Belém.

⁴⁶ CASTRO, 1972, p.133.

companheiros de trabalho. Impressões que não faziam prever que, um dia, ele desejaria ser considerado um deles. Mas o improvável acontece, Alberto ressent-se do fato de não ser visto pelos companheiros como um igual, já que se sentia um elo

da mesma cadeia que prendia ali braços e ambições. Contudo, a sua presença motivava ainda comentários. Sentia que se riam dele e o irmanavam aos sírios e judeus que iam de porto em porto, furtivamente, trocando bugigangas por borracha, sempre perseguidos pelos donos dos seringais, que não toleravam a concorrência dos “regatões” [...]⁴⁷

Vale lembrar que, no fim do século XIX e início do XX, o comércio em Belém e Manaus foi dominado por comerciantes portugueses. Em Belém, principalmente, é também portuguesa a origem da maioria dos membros da elite administrativa e econômica, estabelecida na cidade desde o século XVIII. Não era incomum o recrutamento de jovens portugueses para trabalhar na administração das grandes casas comerciais. Daí, talvez, um dos motivos para o estranhamento provocado pela presença de Alberto na linha de frente da extração. Ele está duplamente deslocado, é um estrangeiro exercendo uma função que não caberia a ele.

Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele e lá onde se precisa dele.⁴⁸

Na verdade, a situação dos migrantes nordestinos não é muito diferente da situação de Alberto. Todos eles são, de uma forma ou de outra, estrangeiros. Ainda que nunca consigam saldar sua dívida e voltar para sua terra de origem, esse é o

⁴⁷ CASTRO, 1972, p.152.

⁴⁸ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefácio Pierre Bourdieu; Trad. Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1991, p.55. Grifo nosso.

desejo da maioria. Anos e anos depois de instalados nos barracões eles ainda sentem-se provisórios, em trânsito. O mecanismo de exploração econômica, ao qual eles estão submetidos, nutre-se desse sentimento. Quem sonha com a volta trabalha mais e exige menos. Essa era uma das causas da proibição de que os seringueiros viajassem com suas famílias:

[...] se um homem tivesse aqui a família, trabalhava menos para o patrão. Ia caçar, ia pescar, ia tratar do mandiocal e só tirava seringa para algum litro de cachaça ou metro de riscado que precisasse. E seu Juca não quer isso. O que seu Juca quer é seringueiro sozinho, que trabalha muito com a idéia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá no Ceará.⁴⁹

O fragmento anterior, extraído de uma fala de Firmino, contém o mesmo significado básico das reflexões de Sayad sobre imigração:

[ela] só tem razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os “custos” e os “lucros” apresentar um saldo positivo __idealmente a imigração deveria comportar apenas “vantagens” e, no limite, nenhum “custo”.⁵⁰

Juca Tristão, dono do seringal, não está disposto a ter custos, pois a única razão de ser dos seringueiros era dar lucro. Fora disso eles não tinham motivos para estar ali. Assim, quem não dá lucro não come. Uma das lições que Firmino ensina a Alberto é que o valor dos seringueiros está diretamente ligado à sua capacidade de trabalho. “E um homem que arranja fama de malandro pode trabalhar toda a vida que nunca mais a tira das costas.”⁵¹

⁴⁹ CASTRO, 1972, p.140.

⁵⁰ SAYAD, 1991, p.50.

⁵¹ CASTRO, 1972, p.130.

Sayad comenta que a condição de imigrante é entendida como indissociável da condição de trabalhador, pois não se aceita bem um imigrante que não tenha trabalho.

É possível atribuir o incômodo do “brabo” estrangeiro ao processo de fragmentação de sua identidade, cuidadosamente assinalada pelo autor com marcas culturais que valeriam muito em outro espaço: branco, europeu, de modos aristocráticos e (quase) bacharel. Confrontado com a realidade, certamente ele não é mais o monarquista pleno de certezas que chegou ao Brasil, mas também (ainda?) não é republicano. Pensa ser um seringueiro, mas não é reconhecido como tal, sabe que é estrangeiro, mas não quer ser confundido com sírios, judeus ou portugueses exploradores. Nesse quadro de estilhaçamento de identidade ele percebe que mesmo seu entusiasmo para a política, antes elemento motivador, desaparecera:

“Os republicanos... Os monárquicos...” Tudo aquilo lhe soava imprevistamente a oco, longínquo e sem sentido. Arrefecera-lhe a paixão, as suas antigas idéias pareciam-lhe de tempos remotos, dum outro eu que se perdera e esfumagara na lonjura.⁵²

Para completar a perda de referências, o “marinheiro”, como lhe chamam os brasileiros, se percebe submetido aos mesmos instintos carnais que levaram Agostinho (outro seringueiro) a matar Lourenço, pai de uma menina de nove anos desejada pelo sertanejo.

Na selva, mesmo os conceitos morais do personagem entram em crise e a abstinência sexual leva Alberto a assediar a velha nhá Vitória e a pensar na morte do Sr. Guerreiro, contador do seringal, para tomar-lhe a esposa. Em suma, presa dos mesmos sentimentos que recriminava em Agostinho, ele percebe a perda de elementos caros à sua situação anterior, bem como a impossibilidade de julgamentos descolados da realidade sub-humana em que vivem.

A transferência de Alberto para a sede do seringal, onde trabalharia como auxiliar do contador, inicia o caminho que levaria o personagem para fora do

⁵² CASTRO, 1972, p.244. Grifo nosso.

seringal, mas o percurso de volta seria feito por alguém bastante distinto do jovem orgulhoso do início. Conhecer de perto o mecanismo de exploração dos seringueiros e as variações do próprio caráter em situações extremas é o saldo da viagem ao “Paraíso”. Na mesma medida do desejo de sair da floresta, cresce em Alberto o desejo de concluir o curso de direito, não mais com os grandes sonhos de juiz das fraquezas humanas:

dedicar-se ia ao cível, à carreira consular ou à defesa, só à defesa, se a necessidade o obrigasse a debruçar-se sobre o pego insondável dos delitos humanos.⁵³

O desejo de Alberto aproxima-se, assim, de uma demanda de Euclides, horrorizado com a realidade despótica que encontrara nos seringais amazônicos:

Dela (a resenha da brutalidade presenciada) ressalta impressionadoramente a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer dos homestead que o consorcie definitivamente à terra.⁵⁴

O romance termina sem que Alberto saia do seringal. No entanto, tendo conseguido pagar parte de sua dívida e anistiado no restante, por Juca Tristão, ele aguarda a chegada da próxima embarcação com destino a Belém. Feita a viagem de auto descobrimento, Alberto é, seguramente, um homem diverso daquele que embarcara em Belém. É agora, ironicamente, um dos “defensores da igualdade humana, que ele combatera e o haviam atirado para o exílio”⁵⁵, é agora, um semelhante de seu criador.

⁵³ CASTRO, 1972, p.307.

⁵⁴ CUNHA, 1976, p.112.

⁵⁵ CASTRO, 1972, p.55.

3- Intenções e testemunhos

A história política, econômica e social brasileira se faz presente tanto nos textos de Euclides quanto no romance de Ferreira de Castro. As escolhas formais dos autores encaminham as obras para a linha do testemunho, perceptível no texto brasileiro, indicada como intenção na abertura do romance; que se quer um tributo e uma denúncia. Tributo aos companheiros de infortúnio e denúncia de uma realidade sombria instituída antes da chegada de Ferreira de Castro e que persistiu depois de sua volta a Portugal. A “terra sem história” e os homens sem voz se fazem presentes nos *Ensaíolos Amazônicos* e *n’A selva*; mais do que assuntos, são motivos da produção textual. Euclides da Cunha e Ferreira de Castro dizem daquilo que viram e viveram.

Segundo Alfredo Bosi,

O testemunho quer-se idôneo, quer-se verídico, pois aspira a certo grau de objetividade. Como tal, casa memória individual com história.

Mas o testemunho também se sabe obra de uma testemunha, que é sempre um foco singular de visão e elocução. Logo, o testemunho é subjetivo e, por esse lado, se aparenta com a narrativa literária em primeira pessoa.

O testemunho vive e elabora-se em zona de fronteira. As suas tarefas são delicadas: ora fazer a mimese de coisas e atos apresentando-os “tais como realmente aconteceram” (conforme a frase exigente de Ranke), e construindo, para tanto, um ponto de vista confiável ao suposto leitor médio; ora exprimir determinados estados de alma ou juízos de valor que se associam, na mente do autor, às situações evocadas.⁵⁶

⁵⁶ BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.222.

3.1- O lugar de cada um

As lembranças da vida na selva perseguem Ferreira de Castro na forma de pesadelos, mas o autor nos fala de uma situação contraditória, pois demonstra sentir, ao mesmo tempo, o medo do retorno e a vontade de voltar ao seringal. A atração e a repulsa poderiam ter dado origem às “Memórias do cárcere amazônico”, testemunho em primeira pessoa de um drama vivido. No entanto a opção por um distanciamento, obtido por uma narração em terceira pessoa, amplia a dimensão coletiva do narrado e extrapola os limites da memória.

A autobiografia, ainda que se saiba do peso da subjetividade na elaboração do texto, teria um compromisso com a “realidade” maior do que a ficção. Se assim considerarmos, a opção de Ferreira de Castro possibilita a superação do limite imposto pelo vivido e permite preencher as falhas da memória com outra matéria. No caso do romance em questão temos a agregação de uma matéria que, inserida na ficção, não perde sua referência realista. Ao que parece dá-se o contrário, passa a caber no texto a informação de uma realidade que, por chocante, se assemelharia mais a uma construção ficcional do que a uma tentativa de transposição do “real”. Péricles de Moraes, em seu estudo sobre *Os intérpretes da Amazônia* diz exatamente isso:

Aí está a Amazônia pungente, desdobrando-se em cenas que ultrapassam em intensidade tudo que já se escreveu no gênero. Não se diga porém, que o prosador luso, com o plasmar, ao vivo num estilo sóbrio e poderoso, a vida no interior do seringal amazônico, consignando cuidadosamente episódios insólitos e acumulando pormenores para melhor relevo individual das suas personagens, intentasse fazer obra de ficção, de pura inventiva, divorciada dos domínios da realidade. De modo nenhum. A selva, ao revés, é um estudo

objetivo, trabalhado escrupulosamente por quem, pode-se dizer, foi o protagonista das tragédias que descreve, e que, na profundidade psicológica dos sentimentos que lhes animam as figuras, se não fossem sentidas e vividas como o foram não nos deixariam experimentar a emoção que não nos produziu nenhum outro livro sobre a Amazônia. [...] Esse Juca Tristão, (que) o Sr. Ferreira de Castro revive nas páginas do seu livro, é um exemplar comum do seringalista amazônico, do homem egoísta e desumano que tripudiava sobre a angústia dos seus compatriotas, para regalo de uma vida perdulária nas capitais.⁵⁷

Ensaio, por sua vez, tem experiência, reflexão, tentativa e pensamento, bem como “rápida apresentação de um assunto, sem grande desenvolvimento” como algumas acepções possíveis;

[...] o ensaio se coloca como forma fronteira, sendo improdutivo, do ponto de vista teórico-crítico, querer marcar os seus limites. Assim, ele é também muito especial e, por isso, optamos por não o situar, mesmo que predominantemente, dentro do lírico, do narrativo ou do dramático.⁵⁸

É bastante comum que o ensaio tenha um caráter didático e trate de temas variados; e os *Ensaio amazônicos* são o resultado da experiência euclidiana na selva, são as impressões do autor sobre os objetos vislumbrados apresentadas com didatismo, lirismo e certa dramaticidade. Sendo Euclides um estudioso, suas impressões são, muitas vezes, confrontadas com amplo conjunto de informações anteriormente coletadas, são comparadas com outras experiências e outros escritos. Sendo Euclides um artista das letras, o teor informativo e crítico de seus textos não prescinde de uma elaboração cuidadosa no que se refere à originalidade e à

⁵⁷ MORAES, Péricles. Os intérpretes da Amazônia. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2001, p.30-31.

⁵⁸ SOARES, Angélica. Gêneros literários. 6.ed. São Paulo: Ática, 2000. Série Princípios, V.166, p.65.

enunciação; assim, *Os ensaios amazônicos* “se localizam em um território limítrofe entre o literário e o não literário”⁵⁹.

Tanto *A selva* quanto os *Ensaaios amazônicos* comportam a marca da intencionalidade de seus autores. Ambos nos dizem da crença de seus autores no poder da escrita para interferir nos rumos da sociedade, mesmo num tempo em que tanto Portugal quanto o Brasil tinham uma grande porcentagem de analfabetos. Não nos esqueçamos que Euclides e Ferreira de Castro militaram na imprensa de seu tempo, gozando de prestígio e influência nos meios intelectuais onde transitaram.

Euclides milita no grupo dos que buscam a integração do variado espaço geográfico brasileiro, que deve ser conhecido e ocupado por brasileiros. Vale lembrar o seu registro de que, mesmo entre os milhares de estrangeiros instalados em Manaus e Belém, o sotaque brasileiro se destacava. Na mesma linha, se a Amazônia era uma “terra sem história”, ele não parece disposto a permitir que assim continuasse. A terra que ele viu estava a ser ocupada pelos sertanejos, deslocados pela conjunção da seca no Nordeste, o sonho de uma vida melhor e a necessidade de braços para um dos maiores empreendimentos econômicos da época, a extração de látex⁶⁰. Euclides testemunha o confronto entre a vontade do homem e a resistência da natureza. Os *Ensaaios* apresentam uma reflexão sobre a terra e as dificuldades do homem no processo de ocupação do espaço. A missão de diplomata/demarcador possibilita a experiência de percorrer o território desconhecido a ser incorporado ao nosso mapa. A experiência de escritor e a publicação continuada dos ensaios propicia os meios para atingir um outro fim, dar a conhecer uma parte do Brasil cuja fronteira encontrava-se indefinida e portanto em perigo. “Além disso, se as nações estrangeiras mandam cientistas ao Brasil, que absurdo haverá no encarregar-se de idêntico objetivo um brasileiro?”⁶¹

As intenções de Ferreira de Castro vão do alívio de um sofrimento permanente, manifestado nos pesadelos, ao já referido testemunho/denúncia da degradação humana que ele presenciara. O autor se apresenta imbuído do objetivo de transformar a realidade, de dar voz aos que seduzidos pelos sonhos de riqueza,

⁵⁹ SOARES, 2000, p.66.

⁶⁰ Segundo Ana Maria Daou, entre os anos de 1898 e 1900 a borracha foi responsável por 25% das exportações brasileiras, sendo superada apenas pelo café (52,7%).

⁶¹ GALVÃO, GALOTTI, 1997, p.208.

pelas falsas promessas ou por pura necessidade se enredavam na máquina econômica da extração de borracha. Ao mesmo tempo em que, como um discípulo de Heródoto, ele escreve para evitar que a história daqueles homens caia no esquecimento, pode-se dizer que Ferreira de Castro elabora seu trauma, revelado pelos pesadelos.

O Trauma é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito.⁶²

O romance dá voz ao autor e aos seringueiros silenciados por sua condição humilde, sujeitos cuja existência está registrada nas histórias oficiais apenas em números imprecisos, apesar de grandiosos.

A intenção registrada no pórtico do romance pelo autor contempla a floresta, que muito lhe teria ensinado, e

os anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva [...] Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça.⁶³

Ao se refletir sobre a escolha de Ferreira de Castro ter recaído sobre o romance, em lugar da autobiografia, pode-se dizer que não é a história de um só homem o que se deseja contar, o testemunho que se quer dar não é o de que o meio rouba a alma ao homem, ainda que essa possibilidade esteja presente. O que o autor quer é inserir os anônimos nas crônicas, na história.

⁶² GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p.110.

⁶³ CASTRO, 1972, p.21.

Também Euclides da Cunha contribui para essa inserção, tanto ao denunciar o processo de escravização dos trabalhadores pelos patrões, quanto ao transformá-los em tema de um de seus ensaios mais famosos.

Em *Judas Asverus*, Euclides conta como “no Sábado de Aleluia os seringueiros do Auto Purus desforram-se de seus dias tristes.”⁶⁴ Nesse dia, os seringueiros, com todos os cuidados possíveis, dão-se à tarefa de construir o seu boneco de Judas. O resultado do trabalho “É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra”⁶⁵

Depois de pronto, o boneco é colocado em uma embarcação e lançado em viagem rio abaixo, onde será saudado com tiros e pedradas e receberá a companhia de outros monstros da mesma espécie, até desaparecer levado pela correnteza. O autor d’*Os sertões* assinala como a festa de um dia contrasta e ironiza a existência cotidiana daqueles homens, como o sertanejo

desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos de rebeldia recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes que o iludiram.⁶⁶

Os caminhos de Euclides e de Ferreira de Castro se cruzam na revelação de uma existência condenada ao apagamento, mas deve-se perceber a diferença entre os olhares. O juízo de valor sobre os sertanejos, perceptíveis nos trechos anteriores, ecoa os já conhecidos e depreciativos comentários de Euclides na narrativa sobre Canudos. “Ambição maldita, fraqueza moral e credulidade infantil” quase justificam a condição em que o indivíduo se encontra. O ser decaído encontra no *inferno verde* o castigo para seus erros.

Os caminhos de Euclides da Cunha e Ferreira de Castro se encontram na denúncia de uma realidade tenebrosa, na apresentação de um espaço, a região

⁶⁴ CUNHA, *Obra completa* vol. I. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1966, p.263.

⁶⁵ CUNHA, 1966, p.266.

⁶⁶ CUNHA, 1966, p.266.

amazônica, ainda hoje pouco conhecido. Mas a direção seguida por cada um é bastante distinta. Euclides se dá a missão de escrever a história de uma terra. Ferreira de Castro contribui com a escrita dessa história, mas a função do lembrar e do escrever do romancista

não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa a transformação do presente.⁶⁷

A ambição, e aqui não a chamamos de maldita, do imigrante Ferreira de Castro era a mesma dos migrantes nordestinos, conseguir o seu quinhão da riqueza gerada pela exportação da borracha. Nem ele, nem a maioria dos que assumiram a empreitada na floresta, como hoje registra a história, conseguiu seu objetivo.

A “obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça”⁶⁸, continua a ser escrita na Literatura e na História, continua a depender da memória e dos testemunhos, das cartas, dos ensaios e dos romances.

3.2- Deserdados

Sabe-se que Ferreira de Castro não foi o primeiro autor a focalizar os sertanejos nos seringais e nem a elucidar o processo de escravização dos fugitivos da seca. Antes dele tivemos Euclides e Carlos de Vasconcelos, cujo romance publicado em 1921 mereceu críticas bastante positivas de Tristão de Athayde e Ronald de Carvalho, entre outros.

A diferença fundamental entre *Deserdados: romance da Amazônia*, e *A selva* está, inicialmente, na relação das obras com o Realismo-Naturalismo. Carlos de Vasconcelos, que declara ter como projeto fazer um romance de costumes, nos apresenta um percurso mais completo do trajeto dos cearenses até serem devorados pela floresta. Sua narrativa contempla as provações provocadas pela

⁶⁷ GAGNEBIN, 2006, p.55.

⁶⁸ CASTRO, 1972, p.21.

seca, o périplo de fome e morte pela terra árida, o percurso dos homens embarcados em gaiolas (barcos) pelos rios da Amazônia e as voltas do seringueiro nas estradas de extração do látex. Dito assim não se faz justiça ao romance, pois o que Vasconcelos nos apresenta é um roteiro de viagem pelo inferno. A fuga pela terra árida é o início de um caminho de perdição, com urubus devorando as vísceras dos que caem e esperando, sem muita paciência, que mães desistam de levar nos braços filhos já mortos. As passagens carregadas de armadilhas e monstros devoradores continuam pelos rios, donde surgem monstros que arrastam os homens para as profundezas. Mas a marca naturalista, que faz esquecer um certo lirismo parnasiano do início do livro, predomina na maior parte da narrativa, com o homem sucumbindo “aos mais primitivos e brutais instintos”. Bestialismo, estupros, assassinatos e até mesmo uma canhestra tentativa de autópsia merecem descrições assustadoras. O que temos é o confronto de duas bestas, a floresta/inferno hostil e o homem decaído na sua condição de fera.

Carlos Vasconcelos quer mostrar,

em suas linhas originalíssimas, a vida amazônica que Rodolfo Teófilo, Alberto Rangel e Euclides da Cunha apenas esboçaram __ o primeiro por falta de conhecimento direto do meio, e os dois outros talvez por motivo de sua exígua permanência no interior.⁶⁹

3.3- Não naturalista

A leitura de *Deserdados*, motivada por sua “filiação” euclidiana, nos faz examinar com maior interesse o projeto de Ferreira de Castro, que não poderia ser acusado de desconhecimento direto do meio e do homem.

Se um olhar eurocêntrico sobre o “meio exótico” e a presença de aspectos naturalistas podem ser identificados em *A selva*, da mesma forma encontramos um desvio dessas rotas no conjunto do romance, seja olhando-o individualmente, seja comparando-o com o trabalho de Vasconcelos. O meio, sua descrição e influência

⁶⁹ VASCONCELOS, Carlos de. *Deserdados: romance da Amazônia. Exórdio.*

sobre os indivíduos também se apresentam em *A selva*, mas o homem que nos surge no romance, até pela variedade de tipos, não está condenado a se revelar monstro ao atravessar o portal da floresta. Ao contrário do que indicavam as teorias deterministas, em vários momentos do romance encontramos a emergência de manifestações daquilo que de melhor o homem teria. Como se diz em outra parte desta dissertação, a solidariedade parece ser a grande lição aprendida pelo personagem central. Solidariedade como aquela identificada por Euclides entre os vaqueiros sertanejos, “solidários todos, auxiliam-se incondicionalmente em todas as conjunturas.”⁷⁰ O final do romance questiona julgamentos precipitados, pois cabe ao personagem Tiago, cuja condição humana é ainda mais desvalorizada pelo dono do seringal, manifestar sua revolta contra o que julgara um excesso de Juca Tristão ao punir seringueiros que tentaram escapar de seu domínio. Tiago, quando questionado sobre os motivos que o levaram a atear fogo ao barracão central do seringal responde:

__ Eu também gostava muito do patrão. Ele podia até me matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravatura...
[...]

__Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui, nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no Maranhão. Branco não sabe o que é liberdade como negro velho. Eu é que sei.⁷¹

Quem esperaria de um sujeito afeito à submissão a defesa da liberdade de outros?

Aliás, certo condicionamento naturalista não faria mais crível a abordagem de Carlos de Vasconcelos do que a de Ferreira de Castro? Se nos lembrarmos das várias passagens depreciativas contidas em *Os sertões* verificaremos que Vasconcelos reitera alguns preconceitos de Euclides. *Deserdados* parece

⁷⁰ CUNHA, 1996, p.69

⁷¹ CASTRO, 1972, p.305.

exemplificar as teorias contidas na principal obra de Euclides. O comportamento dos personagens parece emular passagens como aquela em que Cunha refere-se ao clima da região amazônica e os vários trechos de *Os sertões* em que a constituição do homem sertanejo é avaliada negativamente.

O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure. Modela organizações tolhiças em que toda atividade cede ao permanente desequilíbrio entre as energias impulsivas das funções periféricas fortemente excitadas e a apatia das funções centrais: inteligências marasmáticas, adormecidas sob o explodir das paixões; inervações periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparadas ou refeitas pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas...⁷²

Sendo assim, pouco se deveria esperar daqueles mesmos sertanejos quando transportados para um meio não menos rigoroso do que aquele onde se passa a tragédia de *Canudos*. Afinal havia teorias “científicas” para sustentar as observações sobre raça, meio e momento e pressagiar uma condenação prévia de alguns indivíduos. Ferreira de Castro parece buscar uma alternativa ao modelo, mesmo que para isso o discurso libertário de Tiago nos pareça um tanto inverossímil em sua forma e conteúdo.

4- Questão de gênero: romance-reportagem, Neo-realismo, Regionalismo

⁷² CUNHA, 1996, p.47-48.

A definição de *A selva* como romance-reportagem é encontrada em diversos comentários, que, no entanto, não explicam o que seria esse gênero.

O romance, como gênero ficcional, teria um compromisso com sua economia interna, podendo nele caber todo tipo de subversão de uma dada realidade. À reportagem, por sua vez, caberia noticiar, com rigor na apuração e apego aos fatos, o que realmente aconteceu ou o que, se ainda não ocorreu, caminha para um desfecho até certo ponto previsível.

Ao se chamar *A selva* de romance reportagem, inserindo-o, portanto em um gênero híbrido, reconhece-se a aproximação do romance com a tal realidade, dando-se crédito ao mundo exposto pelo autor. Ainda que alguns vejam na definição algo de negativo __ pois o texto não seria nem uma coisa nem outra, nem ficção nem reportagem __ ela atende bem ao desejo expresso pelo jornalista-escritor Ferreira de Castro de “registrar a caminhada dos deserdados”. Segundo Blaise Cendrars, *A selva* é “un documentaire extraordinairement vrai sur l’Amazonie”⁷³.

Diferente do que ocorre com Euclides e Vasconcelos, o instrumental Realista-Naturalista e suas conclusões não serviu plenamente a Ferreira de Castro, apesar de constar que Zola foi lido atentamente por Castro na Biblioteca Pública de Belém do Pará.

O autor de *Emigrantes*, escapando do “cientificismo” oitocentista, é apontado pela crítica como o precursor do que viria a ser o romance neo-realista em Portugal. Isso porque, publicado em 1930, *A selva* já apresenta as marcas de engajamento do que viria a ser a literatura portuguesa de cunho social produzida, mais intensamente, dez anos depois por escritores como Alves Redol.

Um dos princípios do movimento neo-realista é o de que a “literatura deveria contribuir para a conscientização do público leitor e para caracterizar os problemas da estrutura política, econômica e social da sociedade portuguesa”⁷⁴. Todos esses elementos são encontrados n’*A selva*, mas focalizando a sociedade brasileira, não a portuguesa. Não estará mentindo quem disser que *A selva* é o retrato de um Brasil, ainda hoje, pouco conhecido.

⁷³ Prefácio das edições francesas de *A selva*. In: CASTRO, 1977, p.306.

⁷⁴ ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982, p.157.

A selva conteria traços que João Luiz Lafetá define como característicos da “fase ideológica” do Modernismo brasileiro, e que estariam representados no “Romance de 30”, em que

escritores e intelectuais esquerdistas mostram a figura do proletário (*Jubiabá*, por exemplo) e do camponês (*Vidas secas*) instando contra as estruturas que os mantêm em estado de sub-humanidade [...].⁷⁵

Por suas características *A selva* estaria muito próxima do que, no Brasil, chamou-se regionalismo. O fragmento seguinte, d’*A literatura no Brasil*, contribui para se compreender essa aproximação:

[...] um romance pode ser localizado numa cidade e tratar de problema universal, de sorte que a localização é incidental. Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural __ clima, topografia, flora fauna, etc. __ como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fazem distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo autêntico.⁷⁶

A anterior definição de regionalismo explicaria porque, na crítica literária brasileira, a obra mais famosa de Ferreira de Castro aparece junto às obras do ciclo regionalista. Assim procedem Afrânio Coutinho, Temístocles Linhares e Luciana Stegagno Picchio. Deve-se notar a recorrência da observação de que Ferreira de Castro conseguiu transferir para o romance traços singulares da terra e do homem

⁷⁵ LAFETÁ, João Luiz, 1930: *a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p.30.

⁷⁶ COUTINHO, 1970, p.235.

amazônicos. Talvez isso se deva à própria singularidade da experiência do autor que, ao contrário dos cronistas e viajante europeus, não foi mais um dos tantos aventureiros que se aproximaram da floresta com a intenção de desvendar seus mistérios com a lente da ciência.

[...] nos romances *A selva* e *Mad Maria* (romance de Márcio de Souza sobre a construção da estrada de Ferro Madeira Mamoré), os personagens não viajam ao Amazonas com o objetivo de desvendar um mundo desconhecido. A viagem decorre sobretudo das circunstâncias em que vivem os personagens. Marginalizados social ou politicamente na terra onde nasceram, a viagem torna-se para os personagens uma quase imposição, e nesse sentido ela se revela quase como uma forma de exílio.⁷⁷

Também a história do sucesso internacional de *A selva* une-se, por um caminho um tanto oblíquo, à história da literatura brasileira. Deve-se a Paulo Prado a tradução francesa da obra. Não que o autor de *Retrato do Brasil* a tenha feito, mas foi ele que, em 1938, recomendou a obra a Blaise Cendrars, tradutor do romance na França:

C'est mon ami Paul Prado, l'éminent pauliste, l'auteur du "Retrato do Brasil", cette synthèse, unique en son genre, d'histoire et de psychologie, qui le premier m'a signalé "A selva", un documentaire extraordinairement vrai sur l'Amazonie, dù, non pas au cinéma, mais à la plume du grand romancier portugais Ferreira de Castro.⁷⁸

⁷⁷ HATOUM. *A natureza como ficção*. In: GROSSMANN, Judith, MALARD, Leticia, CARVALHAL, Tânia Franco, CASTELLO, José Aderaldo, HATOUM, Milton. *O espaço geográfico no romance brasileiro*. Salvador-BA: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993, p.105.

⁷⁸ CENDRARS. Prefácio das edições francesas de *A selva*.

Não deixa de ser significativo que a indicação tenha sido feita por Paulo Prado,

um homem entusiasmado com a renovação intelectual que brotou no Brasil dos anos 1920. Foi ele protagonista e incentivador dos expoentes da “Paulicéia Desvairada”, e disso faz parte sua busca pelas raízes da cultura brasileira tão presente em Oswald, Mário e outros.⁷⁹

5. Contradições de Euclides

Euclides da Cunha, citando alguns dos mais conhecidos cronistas das terras amazônicas afirma que todos “reduziram-se a geniais escrevedores de

⁷⁹ VAINFAS. In: *Intérpretes do Brasil*. SANTIAGO, Silvano. *Intérpretes do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3 v Texto introdutório a *Retrato do Brasil*. p.7.

monografias”⁸⁰. Justifica sua afirmação atribuindo à floresta e ao rio em especial um efeito inebriante. É uma boa maneira de nos informar que a preparação para sua missão incluiu a leitura daqueles distintos viajantes. Não sendo ele um “cronista ingênuo” e muitos menos um “aventureiro romântico”, resta supor que ele tenha se incluído na categoria de sábio precavido. Mas estaria ele imune ao encanto que fez sucumbir tantas boas almas? Parece que o efeito de tantas leituras foi a inoculação de um antídoto em Euclides. Tanto texto, tantas imagens, tanta imaginação prepararam o engenheiro para assistir a um espetáculo que só mesmo a imaginação seria capaz de criar. E o resultado, malgrado as dimensões, parece ter decepcionado as expectativas, pelo menos num primeiro momento:

Há dois anos entrei pela primeira vez naquele estuário do Pará, que é rio e ainda é oceano” [...] à entrada da Amazônia.

Mas contra o que esperava, não me surpreendi...

Afinal, o que prefigurara grande era um diminutivo: o diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profundura. Uma superfície líquida, barrenta e lisa, indefinidamente desatada para o norte e para sul, entre duas fitas de terrenos rasados, por igual indefinidos, sem uma ondulação ligeira onde descansar a vista.

[...]

Por cima os céus, resplandecentes e vazios, recortando-se no círculo perfeito dos horizontes como em pleno Atlântico. Nada mais.

[...]

Calei um desapontamento; e no obstinado propósito de achar tudo aquilo prodigioso, de sentir o másculo lirismo de Frederico Hartt ou as impressões “gloriosas” de Walter Bates, retraí-me a um recanto do convés e alinhei nas folhas da carteira os mais roçagantes substantivos e refulgentes verbos com que me acudiu um caprichoso vocabulário... para ao cabo desse

⁸⁰ Cunha, 1976, p.101.

esforço rasgar as páginas inúteis onde alguns períodos muito sonoros bolhavam, empolando-se- inexpressivos e vazios.⁸¹

Mas o contraditório Euclides, pela mesma via das leituras obsessivas, se entrega, sem pudor, ao efeito mirífico de um segundo olhar. Melhor dizendo, um primeiro olhar, já que correspondia ou atendia à sua imaginação. O que faltava era a lente certa, fornecida pelo Dr. Jacques Huber, “botânico notabilíssimo”:

[...] ao tornar a bordo levei uma monografia onde ele (Huber) estuda a região que me parecera tão desnuda e monótona.

Deletreei-me a noite toda: e na antemãã do outro dia __ um daqueles *glorious days* de que nos fala Bates, subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi, pela primeira vez o Amazonas...

Salteou-me, afinal, a comoção que não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do *Gênese*.

Juntava-se, dessa forma, aos predecessores na tarefa de escrever uma monografia condenada à incompletude, pela imensidão da tarefa, pela dimensão do objeto e pela pequenez do tempo de uma vida. Depois de seduzido, o autor de *Contrastes e confrontos* entregou-se à tarefa que lhe cabia. O que temos são textos que transitam entre o encantamento e a necessidade de objetividade. Um caudal de informações, análises, citações dos mais variados estudiosos, descrições do clima, rios, geografia, flora e meio social fundem-se com a adjetivação pertinente tanto ao “sonhador mais desensofrido” quanto aos “sábios deslumbrados”.

⁸¹ Cunha, Euclides da. Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos. p.83 discurso proferido em dezembro de 1906 na posse de Euclides na ABL.

O “amor à segunda vista” de Euclides pelas terras amazônicas nos leva também a uma dupla visada sobre a obra do autor e um personagem importante nos *Ensaios amazônicos* e n`*Os sertões*, o sertanejo. Ainda que a obra maior não seja o objeto do presente estudo, alguns comentários são necessários para iluminar aspectos dos *Ensaios*.

Os vários estudos sobre *Os sertões* deixam claras as oscilações ou contradições de Euclides na abordagem da Guerra de Canudos e de tudo que com ela se relaciona. Se na partida para reportar as ações do Exército contra os partidários do Conselheiro, o autor acredita nas acusações da imprensa sobre uma suposta conspiração monarquista, posição consignada no artigo “A nossa Vendeia”, a realidade vai comprovar seu engano. O confronto entre o que ele imaginava saber e a constatação da diferença dão a Euclides uma certeza:

Como intelectual urbano, com sua formação científica e atéia, compartilhando crenças positivistas, percebe que se havia equivocado e não sabe como interpretar aquele recanto ignorado do País ___ “Terra ignota”, diz em seu latim alarmado! ___ e muito menos uma guerra religiosa conduzida por um líder carismático.⁸²

Como partidários de uma causa que, do ponto de vista republicano, condenaria o País ao atraso, os sertanejos contrariavam um dos princípios diretores da vida de Euclides, a busca da construção de um Brasil moderno. A opção dos sertanejos em nada surpreende aquele que postulava a inferioridade das raças mestiças. Mas o que fazer quando a impressão inicial se desfaz? O discurso de Euclides divide os mestiços em duas categorias: aqueles do litoral, raquíticos e “neurastênicos” e o mestiço forte do sertão, protegido pelo isolamento. Esse último poderia ser o futuro do País.

⁸² MADEIRA, Angélica. Fraturas do Brasil: O pensamento e a poética de Euclides da Cunha. In. AXT, Gunter, SCHÜLER, Fernando (Orgs.) Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2004, p.103.

Como já foi observado, a impressão inicial sobre a região amazônica também será retificada por Euclides. E lá, naquele espaço tão intrincado, contraditório e mutante Euclides volta a encontrar os sertanejos. E uma diferença de abordagem se faz necessária, pois agora os homens estão a conquistar um espaço, a efetivar a presença brasileira em área de disputa internacional, agora cabem no projeto de conhecer e pensar políticas rumo a evolução do país. E o autor de *Judas Asverus* acaba por reconhecer nos sertanejos a energia necessária para combater as adversidades impostas pela região. Esse reconhecimento não impede que eventuais “idéias fora do lugar” se constituam em instrumental de análise,

pois a mestiçagem e a localização geográfica tropical, consideradas pelo pensamento científico da época como deficiências difíceis de serem superadas,⁸³

não podiam ser ignoradas. A permanência desse tipo de concepção pode explicar a coexistência de tratamentos díspares para a realidade social dos seringueiros. Se a elucidação e divulgação de um método criminoso de atração de homens para o “inferno verde” torna-se denúncia repercutida na imprensa pela voz de Euclides, as vítimas não escapam de um julgamento rigoroso, afinal de contas trata-se do “aventuroso sertanejo que demanda aquelas paragens, ferretado da ânsia de riquezas”⁸⁴. Como intelectual público, ciente do poder de influência exercido pelos jornais, Euclides utiliza a imprensa para interceder pelos “renitentes pecadores” sertanejos. A condição degradante dos seringueiros, alijados de normas legais e civilizadas, requeria uma ação reparadora da justiça. Nada mais claro para

um pensador do Brasil, (que) voltado para a solução dos problemas sociais, sentia-se investido da missão de impulsionar as reformas, de modernizar, em todos os sentidos, político, tecno-econômico e social, o País.⁸⁵

⁸³ MADEIRA, 2004, p.100.

⁸⁴ CUNHA, 1976, p.111.

⁸⁵ MADEIRA, 2004, p.101.

Difícil é imaginar o que teria se tornado o “Paraíso perdido” de Euclides quando terminado, mas é possível depreender que o autor levou muito a sério os efeitos do meio sobre o indivíduo. Sua afirmação de que “a adaptação exercita-se pelo nomadismo”⁸⁶ talvez explique o percurso tateante do autor entre os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação positivista e a busca de novos conceitos para compreender a “imperfeita grandeza” amazônica e seus conquistadores. O espaço mutante requeria deslocamentos contínuos, tanto do ponto de vista geográfico quanto do ponto de vista da abordagem e do instrumental teórico.

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isso: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas [...] Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.

A adaptação exercita-se pelo nomadismo.⁸⁷

6- Possibilidades de Saída

O romance de Ferreira de Castro não nos apresenta um percurso completo da viagem do personagem Alberto. Sabemos que a opção monarquista do jovem português, que participara de uma fracassada rebelião restauradora em 1919, o

⁸⁶ CUNHA, 1976, p.109.

⁸⁷ CUNHA, 1976, p.109.

obrigara a fugir do país para não ser preso. Nada se conta sobre sua travessia atlântica. O romance se inicia com Alberto estabelecido na casa do tio Macedo em Belém. Faz sentido, pois a intenção do autor não era contar a história de um emigrante, mas dar a conhecer as desventuras dos seringueiros.

Nos *Ensaio amazônicos* temos a situação diferente, Euclides nos conta sua chegada a Belém, sua passagem por Manaus e a entrada na floresta. Mas pouco sabemos de sua saída. Sabemos da conclusão de sua missão oficial na floresta, sabemos, pela sua correspondência e por informação biográfica, de sua colocação como cartógrafo no Itamaraty. Na verdade, em função do naufrágio da embarcação com os víveres da expedição, um pequeno trecho do percurso previsto não foi percorrido. Em dezembro de 1905, em Manaus, lavra-se a Ata de conclusão dos levantamentos da Comissão Mista. O que temos depois sobre a Amazônia é o início, em 1906, da redação de *Um paraíso perdido*, a conclusão dos relatórios e mapas dos levantamentos e as correspondências enviadas por Euclides, já no Rio de Janeiro, ao Barão do Rio Branco; sendo a última em abril de 1908.

Assim, temos uma nova coincidência entre as duas obras, não temos o relato do adeus à floresta. No caso de Euclides da Cunha, pode-se dizer que depois das impressões contraditórias referidas anteriormente, o percurso de volta não teria grande encanto. Talvez houvesse o alívio de sobreviver aos perigos enfrentados, assim como uma angústia por ter que retornar às disputas por espaço social e político na Capital Federal.

Euclides da Cunha (1866-1909) foi um homem excepcional, em muitos sentidos. Era um tipo anti-social que desprezava as firulas da vida intelectual carioca tão imiscuída à vida mundana. [...] nunca sentiu-se à vontade nos salões de Itamaraty.⁸⁸

A selva nos apresenta um outro tipo de questão: o que significaria o fim do romance sem que, de fato, o personagem abandone o seringal? Recorremos novamente à introdução ao romance feita pelo seu autor:

⁸⁸ MADEIRA, 2004, p.101.

Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça.⁸⁹

Não há dúvidas, então, sobre a limitação de foco do romance, é a história dos seringueiros e sua luta pela sobrevivência na floresta que deve ser contada. Não haveria, portanto, que se estender a história para fora desses domínios. Mas pode-se pensar em outra leitura para o final da história.

Tendo o patrão morrido em um incêndio da sede do seringal, os homens estariam livres, o empreendimento chegaria ao fim? Sabendo-se das características das relações econômicas e sociais da região pode-se afirmar que dificilmente os trabalhadores encontrariam uma porta de saída, dificilmente alguém conseguiria realizar o sonho de rever seu lugar de origem. O mais provável seria outro endividamento com outro patrão. Quanto ao seringal, a grande marca do processo econômico no ciclo da borracha é que não havia terra sem dono, a posse e manutenção da terra era confirmados pela força. Se essa é uma realidade que o romance denuncia, o final do romance parece indicar que, fora Alberto, os seringueiros do Paraíso apenas esperariam a chegada de um novo dono.

Outro elemento do final do romance é o modo como a possibilidade de liberdade se apresenta. O assassinato de Juca Tristão é cometido por Tiago num arroubo de humanidade imprevisto, tal a construção do personagem como ser animalizado. Seu modo de fazer justiça é a violência, reação animal a uma agressão. Como a quase caricatura de um herói romântico ele oferece sua vida em defesa da dignidade alheia, assume seu ato, faz discurso e se entrega à justiça. Enquanto isso o personagem principal faz planos mais civilizados, pensa em retomar os estudos jurídicos e, formado, jamais acusar alguém.

Os dois discursos sobre a liberdade e a justiça apontam para dois caminhos, o violento e o legal. O jovem de modos urbanos sonha com os tribunais, o negro inculto pratica a lei da terra.

⁸⁹ CASTRO, 1972, p.21.

Há saída da servidão sem a violência? A violência é a saída na selva? O romance não nos dá resposta a essas questões, e Euclides da Cunha nos apresenta um problema a mais:

o homem ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável.⁹⁰

Novamente recorrendo aos efeitos do meio sobre o indivíduo, o autor dos *Ensaio* nos explica o comportamento do homem no “inferno amazônico”. O “paraíso diabólico” aniquila a condição humana e o que ela tem de melhor. Mas o mesmo Euclides nos aponta um caminho, que se cruza com o do Personagem Alberto: para uma realidade tão absurda

(é) impressionadoramente a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer dos homestead que o consorcie definitivamente à terra.⁹¹

Por isso os personagens do romance esperam o próximo dia, que levaria as cinzas do barracão, e os próximos e imprevisíveis dias, que talvez levassem a justiça do Brasil, tão longe, até lá.

7- Conclusão

⁹⁰ CUNHA, 1976, p.109.

⁹¹ CUNHA, 1976, p.112.

A selva e Os ensaios amazônicos, como se disse anteriormente, constituiriam obras em relação de complementaridade. A profusão de imagens elaboradas por Euclides da Cunha e Ferreira de Castro dão a perfeita noção de um mundo que, aparentemente estático, está em constante mutação, em movimento constante. A missão do autor brasileiro requer o deslocamento em direção a uma fronteira a ser definida, o trabalho do seringueiro/personagem/autor o obriga a percorrer longas distâncias na “estrada” circular de extração. A constatação desse movimento incessante nos leva pensar num mapa de rotas cujas linhas tortuosas eventualmente se cruzam ou se confundem.

Euclides da Cunha refere-se à região amazônica como uma página do Gênesis que ainda estava a ser escrita. Sendo assim, ainda não seria a hora em que o homem poderia ou deveria ocupar aquele espaço. Chegando cedo, ele estaria sujeito aos perigos de uma gigantesca e divina obra em curso, com todos os desconfortos e perigos decorrentes da construção de um Paraíso. Euclides parece sugerir que chegando no tempo certo o homem teria uma recepção diferente daquela que ele e os tantos desbravadores anteriores encontraram. A natureza, o clima, o ambiente dariam mais facilmente as dádivas esperadas do Éden. Esse lirismo euclidiano contrasta com a realidade política e econômica que determinou a conquista geográfica, a busca pelo caminho das índias, e principalmente a conquista da América. Ele mesmo, Euclides, faz parte de uma missão de conquista ou manutenção de território imposta pelo tempo geopolítico.

Ferreira de Castro também recorre ao vocabulário religioso ao denominar Paraíso o seringal onde transcorre a maior parte da narrativa. Sabendo-se da realidade representada no romance é redundante falar em ironia. Nada menos edênico do que o percurso circular (estrada) de extração do látex. O percurso do seringueiro, assim, seria mais condizente com a idéia cristã de uma condenação devida ao pecado original, pois o que não falta em sua luta pela sobrevivência é trabalho e suor.

Para além das metáforas bíblicas, os dois textos estão atados ao movimento do capital; em outros tempos dir-se-ia que são determinados por esse movimento. O

que levou o autor português à Amazônia foi a desfavorável condição econômica de sua aldeia, de seu país. A expedição de Euclides, por sua vez, une-se historicamente a um projeto de civilização e progresso para a região amazônica que remonta ao passado português:

Desde o período colonial, a Amazônia foi alvo de medidas específicas por parte da metrópole portuguesa: disto é expressivo, para a região, o projeto iluminista do Marquês de Pombal, que no século XVIII promoveu reformas de cunho econômico, político e administrativo para tirar a região da estagnação econômica, conjugada a um instrumento legal de intervenção sobre os povos indígenas: a lei do Diretório.⁹²

A expedição de Euclides da Cunha, no período republicano brasileiro, dá-se na fase de auge da economia amazônica propiciada pela demanda internacional por borracha. Já os personagens de Ferreira de Castro são focalizados no período subsequente dos ciclos econômicos, em que a demanda por borracha é crescente, mas o Brasil já não é o principal fornecedor desse produto. São dois momentos de uma mesma história, mas o que se percebe nas duas obras é que a idéia de progresso, evolução e civilização têm limites que, neste caso, são também geográficos. Belém e Manaus nos aparecem como as referências, como os marcos geográficos do tal progresso decorrente da integração da economia local à economia internacional. Nas duas cidades temos os símbolos e os efeitos da industrialização. São cidades de urbanização crescente, com vida cultural, com produtos e benefícios encontrados em Londres, Nova York ou Paris, centros aos quais se unem por intenso tráfego de navios, de modas e modos. O cosmopolitismo das duas capitais amazônicas são referidos por Euclides da Cunha e Ferreira de Castro, mas os dois acabam por desenhar a fronteira entre dois mundos distintos, o reluzente urbano e o sombrio arcaico da atividade de extração da borracha. As duas cidades estabelecem um contraste com aquilo que de fato foi objeto da produção

⁹² DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2000, p.10.

literária de Euclides e de Castro. *Os ensaios* e, principalmente, *A selva* tratam do que está para além da fronteira das duas grandes cidades, tratam de um mundo em que a modernidade ainda não chegou, um mundo que, ironicamente, produziu a “Belle époque amazônica”. As largas ruas de Belém e Manaus impressionaram menos os dois autores do que as sombras da floresta, pois é no universo medieval que eles buscarão os termos para identificar as relações de poder e de capital e trabalho nos seringais.

Fiel ao seu objetivo, Euclides aborda o modo de produção dos seringais, incontestável fonte de riqueza nacional. Horrorizado com o que encontra, denuncia a mesma realidade abordada pelo romance. É um dos eventuais cruzamentos de olhares e caminhos de Cunha e Castro. Mas parece que não só a condição dos indivíduos horroriza Euclides, também a permanência de um modo de produção identificada com o atraso e o passado o incomoda. Como se procurou demonstrar, há uma oscilação entre solidariedade e condenação na denúncia publicada pelo engenheiro/escritor, o mesmo homem é vítima e culpado pela sua situação, pois a ganância o teria levado àquela situação.

O vocabulário escolhido por Euclides choca-se com a iluminada vida dos beneficiários do ciclo da borracha. As expressões “servidão completa” e “felá desprotegido” apenas reforçam a constatação da existência de um mundo sujeito a regras feudais impostas pelos mesmos senhores que exibem sua riqueza nas modernizadas, por essa mesma riqueza, capitais amazônicas. E, ainda hoje, soa utópica a proposta Euclidiana de uma “homestead”, uma propriedade rural para os “servos” seringueiros.

O romance de Ferreira de Castro, publicado vinte e cinco anos depois dos textos de Euclides, também lança mão de escolhas vocabulares para indicar a existência de um mundo feudal além das fronteiras urbanas. Em várias passagens nos deparamos com expressões que denunciam a mesma realidade alardeada pelo escritor brasileiro. Ao se referir ao dono do seringal onde transcorre a narrativa, Ferreira de Castro recorre a palavras que não deixam dúvidas quanto às relações de domínio no seringal: “Já no reinado de Juca Tristão, Lourenço ficou órfão e casado com uma das cunhatãs que outrora viviam na ilha desaparecida.”⁹³ Ao mostrar as

⁹³ CASTRO, 1972, p.160. Grifo nosso.

relações entre o patrão e seus empregados, Castro exhibe um ambiente de desmando e submissão onde o rei local é referido como amo que também sabe ser benevolente:

Quando Juca Tristão comprou o seringal já ele (Tiago) se havia tornado um farrapo inútil e risível. Ao novo amo, porém, o negro agradara por se lhe confiar como uma criança, rendendo-se a todos os seus caprichos.⁹⁴

[...] o envaideceu (ao português Alberto) e lhe tirou depois o sono a distinção que o amo lhe fizera, sentando-o à sua mesa. Juca deixara de lhe parecer odioso e repelente.⁹⁵

Note-se que, já acostumado à servidão, o personagem Alberto, outrora orgulhoso, vai se perceber envaidecido por merecer um tratamento mais digno e respeitoso de Juca Tristão. O “júbilo de escravo bem tratado ocasionalmente pelo dono”⁹⁶, no entanto, vai se desvanecendo com a recuperação da auto estima do “marinheiro” que, instalado no barracão do seringal, volta a sentir-se merecedor de agrados.

Em outro trecho do romance vemos a origem dos recursos para que as nobres senhoras da capital pudessem viver dignamente:

Juca Tristão enviava à esposa em Belém uma mesada de três contos de réis, “que significava o preço dos muitos anos que um seringueiro necessitava para o seu resgate”.⁹⁷

E o que dizer do saque de quarenta Contos a ser feito pelo patrão quando de sua viagem de três meses a Belém e do gozo pleno da liberdade? “Somente Juca Tristão gozava o privilégio de poder ausentar-se dali sempre que assim o entendesse.”⁹⁸

⁹⁴ CASTRO, 1972, p.208. Grifos nossos.

⁹⁵ CASTRO, 1972, p.217.

⁹⁶ CASTRO, 1972, p.217.

⁹⁷ CASTRO, 1972, p.212.

⁹⁸ CASTRO, 1972, p.224.

Se nos grandes centros industriais do mundo mais utilidades eram encontradas para a borracha,

O látex constava da confecção dos produtos mais expressivos da inventividade humana. Ele agregava uma série de características que o tornavam um produto de particular importância para a produção industrial e para muitas das formas de consumo que passariam a ocupar um lugar de destaque como a expressão de “civilização” e “progresso”,⁹⁹

no seringal a realidade era outra: (botas) “feitas de simples látex seco sobre uma forma de madeira, único artefato ali fabricado com a riqueza que eles extraíam.”¹⁰⁰

Ana Pizarro, ao analisar os vários discursos sobre a região amazônica, observa que

Los “barones del caucho” instalaban un nuevo escenario: el de una pretendida modernidad. Ellos representaban los valores de la “civilización” e el “progreso”. Es interesante que, incluso cuando nos aproximamos a los textos que hablan de ellos, observamos que se los define con epítetos grandilocuentes como “caballero de la selva” o “valiente e caballero cauchero” [...] ¹⁰¹

Uma das constatações de Euclides é que para um observador estático, situado nas cidades à beira dos grandes rios da região, a paisagem está em permanente mutação, a depender dos avanços e recuos do leito dos cursos de água. Para aqueles que se moviam pelos mesmos rios a paisagem parecia sempre a mesma, como se o indivíduo não se deslocasse realmente. Encontramos em A

⁹⁹ Idem, p.21-22

¹⁰⁰ CASTRO, 1972, p.113

¹⁰¹ PIZARRO, Ana. *Voces del seringal: discursos, lógicas desgarramientos amazônicos*. In: D'ANGELO, Biagio, PEREIRA, Maria Antonieta. Org. Estudios sobre literatura e cultura de la Amazonia. Lima: Fondo editorial de la Universidad Católica Sedes Sapientiae, 2007, p.27.

selva essa mesma descrição, quando do deslocamento do gaiola que leva Alberto para o seringal Paraíso. O personagem tem a impressão de estar olhando, todo o tempo, para o mesmo. Euclides da Cunha e Ferreira de Castro, então, olham da mesma forma? A coincidência na descrição dos autores não deve apagar a importância do referencial: de onde se olha? Por óbvia que seja a afirmação, o homem que escreveu *Contrastes e confrontos* e o homem que escreveu *Emigrantes* olham de margens diferentes da história. E cada um deles demarca sua posição.

Em carta a José Veríssimo, enquanto fazia gestões para comandar a Comissão demarcadora, Euclides delimita o caráter de sua missão: viajaria “com o objetivo de dizer sobre os aspectos físicos e as riquezas essenciais daquela região”.¹⁰² Ele não se conforma que outros, os cientistas estrangeiros, a serviço de seus países, esquadrinhem o território brasileiro e nos contem o que nele há. Se aqueles puderam fazê-lo, “que absurdo haverá no encarregar-se de idêntico objetivo um brasileiro?”¹⁰³ Os *ensaios* seriam parte de um projeto de revelação do Brasil executado por um brasileiro e a serviço de uma causa brasileira.

O já citado prólogo do romance fala do compromisso e da dívida de Ferreira de Castro com aqueles que viveram situação semelhante à sua no trabalho de seringueiro. *A selva* é também uma obra de revelação do Brasil, mas de outra ordem, pois seu alvo é o homem, o humano.

Em que pese o conhecido sentimento humanista de Ferreira de Castro, o romancista resvala, em alguns momentos, para um discurso que pode causar desconforto por sua clara filiação ao cientificismo oitocentista, tantas vezes apontado nos escritos de Euclides. Ao julgar o comportamento do caboclo Lourenço, o narrador recorre ao conceito de inatismo:

A sua condição de caboclo dava a Lourenço privilégios ímpares em todo o seringal. Dos parias masculinos e válidos só ele não se entregava à extração da goma elástica. Era um regalia muito antiga, que a sua raça conquistara, não por força ativa, mas por indolência inata. O mundo cifrava-se para ele, numa

¹⁰² GALVÃO, GALOTTI, 1997, p.208.

¹⁰³ GALVÃO, GALOTTI, 1997, p.208.

barraca, numa mulher e numa canoa; e mereciam-lhe sorrisos de piedade os homens que vinham do Ceará, do Maranhão e mesmo de Pernambuco, desbravar a selva virgem, sofrer todas as vicissitudes, tormentos sem conta, apenas pela ânsia de uns tostões a mais. [...] A selva não perdoava a quem pretendia abrir os seus arcanos e somente esse homem bronzeado, de cabelo liso e negro, que nascera já renunciando a tudo e se comprazia numa existência letárgica, junto a copiosas riquezas, encontrava nela vida fácil.¹⁰⁴

A favor do narrador pode-se falar no reconhecimento de alguma sabedoria, ou adaptabilidade, como diria Euclides, naquele sujeito congenitamente indolente. O caboclo acaba por revelar-se um ser capaz de sobreviver tranqüilamente na “selva devoradora”, usufruindo do que a mata podia oferecer. Seus ancestrais lá estavam antes da “corrida” pela borracha, antes da criação dos seringais, e ele lá estava para saber que a maioria dos que buscavam a riqueza na extração do látex, “que ocupavam a terra dele, como se tudo aquilo lhes pertencesse e estivesse ali para seu regalo¹⁰⁵” acabariam vencidos, “esfrangalhados, palúdicos, escravizados ou mortos¹⁰⁶”. O destino de Lourenço, assassinado por um seringueiro, mostra que o perigo para o caboclo estava nos forasteiros, não na floresta. Como se respondesse à idéia de “ambição maldita” elaborada por Euclides e à falta de ambição dos caboclos, o narrador de *A selva* reserva ao “conquistador” uma adjetivação positiva:

Quando D. Santos Mercado, vindo da Bolívia com a sua operosa ambição, descera o Beni e as cachoeiras do Madeira para fundar o Paraíso, já os ancestrais de Lourenço viviam numa ilhota próxima da outra margem do rio.¹⁰⁷

¹⁰⁴ CASTRO, 1972, 159, Grifo nosso.

¹⁰⁵ CASTRO, 1972, 159.

¹⁰⁶ CASTRO, 1972, 159.

¹⁰⁷ CASTRO, 1972, 160. Grifo nosso.

É curioso como também na omissão os percursos de Euclides e Ferreira de Castro podem coincidir, e não só os deles. Basta lembrar a afirmação de Humberto de Campos: “Nenhum de nós escreveu, porém a obra reclamada e necessária. O que interessa, na Amazônia, à literatura, é o homem, e, particularmente, o seringueiro e a sua tragédia.”¹⁰⁸ A outra tragédia humana encenada na região fica ao largo da consideração de Humberto de Campos, Euclides da Cunha e Ferreira de Castro. Todos eles falam das vicissitudes dos novos habitantes da região amazônica, mas são exíguas as referências aos habitantes originais da floresta. A referência a indígenas é quase inexistente. Quando citados, os índios entram na cota dos perigos oferecidos pelo “inferno verde”. Como explicar essa grande ausência? Onde estão aqueles que Rondon vai chamar de “os mais brasileiros dos brasileiros”? No que se refere ao foco dos *Ensaaios amazônicos* e de *A selva* eles, os índios, estão fora do mecanismo econômico e do problemático ideal de progresso projetado para a região amazônica. Na verdade eles estariam entre as dificuldades encontradas pelos colonizadores, de todos os tempos, no processo de conquista e ocupação do território.

Criado em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios representou a adoção pelo governo das teses pacifistas de Cândido Rondon. À época de sua criação o SPI representou uma mudança de mentalidade na relação com os indígenas, no lugar do confronto direto, Rondon propunha a *integração* dos índios à *civilização*.¹⁰⁹ Uma vez pacificadas, as tribos estariam aptas a uma integração política e sócio-econômica. Em *A selva*, Rondon, sua proposta de pacificação e os parintintins merecem do seringueiro Firmino uma avaliação que vai da ironia à hostilidade:

Houve um coronel __ o coronel Rondon ou lá o que é __ que mandou outro militar com gramofones e espelhos (para amansar os índios), mas ele não pôde fazer nada. Aquilo (o parintintin) é bicho que só deixará de ser ruim quando desaparecer. Eu, se encontrar algum, mato-o logo! Estar de

¹⁰⁸ CAMPOS, 1947, p.431.

¹⁰⁹ A pacificação chegou aos Parintintins do Amazonas em 1922. Ferreira de Castro dedicou seu último romance, *Instinto supremo*, 1968, à memória de Cândido Rondon.

palavras boas para eles levarem a minha cabeça, não é comigo! ¹¹⁰

Além da referência aos objetos de troca levados pelo representante do governo, outra ironia está no fato de que o mesmo Firmino reconhece nos índios os donos primeiros da terra que ele ocupa e percorre a serviço a serviço do patrão: “os homens civilizados tomaram conta da terra deles. Isto aqui, antes de ser dos bolivianos, que deixaram o seringal a seu Juca, era dos Parintintins¹¹¹”. O reconhecimento do direito propriedade usurpado, justificativa suficiente para uma reação, no entanto, não modifica o tratamento dispensado aos parintintins, chamados de “bichos traiçoeiros” e “ruins”.

A conclusão a que se pode chegar é que o ponto de vista dos três autores carrega a marca da inserção do “outro” a partir de seu papel na estrutura de produção capitalista. Euclides da Cunha, Humberto de Campos e Ferreira de Castro têm em comum a ligação econômica com a produção da borracha. Euclides, em sua missão demarcadora, está a serviço de um projeto que remonta à administração Pombalina e à *Lei do Diretório*. Essa lei previa, além da obrigatoriedade da língua portuguesa em todo o território da colônia, a exploração econômica do Vale Amazônico como meio de manter o território e a integração das comunidades indígenas na produção colonial. Humberto de Campos foi gerente de seringal e Ferreira de Castro trabalhou na extração da borracha, tendo dedicado o romance aos

anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva [...] Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos

¹¹⁰ CASTRO, 1972, p.119.

¹¹¹ CASTRO, 1972, 119.

deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça.¹¹²

O indígena é um “outro” que não cabe nos textos de Euclides e Castro, pois não está integrado à categoria dos desbravadores e dos conquistadores, sobrando-lhe apenas o lugar de deserdado, expropriado ou vilão.

As contradições internas dos *Ensaio amazônicos* e de *A selva*, reveladoras das contradições de seus autores e da sociedade em que se formaram não diminuem a importância das duas obras, atestada pela permanência dos textos como objeto de pesquisa, controvérsia, e, por quê não?, leitura que seduz, enreda e provoca e ensina. As divergências e convergências dos olhares desses dois personagens constituem um conjunto de informações, reflexões, invenções, verdades, imaginações e ficções que ajudam a compreender nosso passado e nosso momento histórico.

8- Referências Bibliográficas

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982.

¹¹² CASTRO, 1972, p.21.

- _____. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. São Paulo: Ática; [Brasília]: CNPq, 1989.
- _____. O pio da coruja e as cercas de Paulo Honório. In. **MOTA**, Lourenço Dantas, **ABDALA JÚNIOR**, Benjamin (Org.). *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: SENAC, 2001.
- ALMEIDA**, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*, 2ª ed. Revista. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- ANSELMO**, Artur. *Ferreira de Castro e o índio*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 11 jun. 1977. Suplemento literário, p.9-10.
- AXT**, Gunter, **SCHÜLER**, Fernando (Orgs.) *Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2004.
- AZEVEDO**, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2ª.ed. João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996.
- BELO**, José Maria. *Inteligência do Brasil: ensaios sobre Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e Rui Barbosa; síntese da evolução literária no Brasil*, 2 ed. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1935.
- BARROS**, Leopoldina Leitão de. *Uma visão de romance histórico em Coronel de barranco e A selva*. Rio Branco: Tico-tico, 1991.
- BOSI**, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMPOS, Humberto de. *Crítica*: Segunda série. São Paulo: W.M. Jackson Inc. editores, 1947. *A Amazônia misteriosa* p.372-389. *Um romance Amazônico* p.431-432.

CANDIDO, Antônio. *Tese e antítese* (ensaios) – coleção de ensaios v1, 2 ed. Revista. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1971.

_____. *Literatura e sociedade*. São Paulo, companhia Editora Nacional, 1976.

_____. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

_____. Prefácio. In: LEITE, I.B. *Antropologia da viagem; escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

CASTRO, Ferreira de. *Obra completa*: Introdução geral por Jaime Brasil, notas

preliminares de Humberto de Campos... [et al]. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1958.

_____. *A selva*. São Paulo: Editora Verbo, 1972.

_____. *A selva*, 29ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1977.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Sul América, 1970, 4º. v.

_____. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares Ltda, 1975.

COUTINHO, Eduardo F. e **CARVALHAL**, Tânia Franco (Orgs.). *Literatura comparada*: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CUNHA, Eneida Leal e **SOUZA**, Eneida Maria de (Orgs.). *Literatura comparada*: ensaios. Salvador: EDUFBA, 1996.

- CUNHA**, Euclides da. *Contrastes e confrontos*; com prefácio de José Sampaio (Bruno), estudo crítico do Dr. Araripe Júnior e uma notícia biográfica de João Luso, 9.ed. Porto: Lello, 1912.
- _____. *Obra completa* vol. I. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1966.
- _____. *Um paraíso perdido*: Reunião dos ensaios amazônicos. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1976.
- _____. **CUNHA**, Euclides da. *Os sertões, campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- DAOU**, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2000.
- D'ANGELO**, Biagio, **PEREIRA**, Maria Antonieta (Orgs.). *Estudios sobre literatura e cultura de la Amazonia*. Lima: Fondo editorial de la Universidad Católica Sedes Sapientiae, 2007.
- FRANCO**, Antônio Cândido. *O significado da selva na obra de Ferreira de Castro*. In: Colóquio Letras 104/5, julho-outubro 1988.
- GAGNEBIN**, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GALEANO**, Eduardo. O ciclo da borracha: Caruso inaugura um teatro monumental no meio da selva. In: *As veias abertas da América Latina*. 38ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.100-103.
- GALVÃO**, Walnice Nogueira, **GALOTTI**, Oswaldo. (org.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- GROSSMANN**, Judith, **MALARD**, Letícia, **CARVALHAL**, Tânia Franco, **CASTELLO**,

José Aderaldo, **HATOUM**, Milton. *O espaço geográfico no romance brasileiro*. Salvador-BA: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

GUIMARÃES, J. Ubireval Alencar. *Vidas secas: um ritual para o mito da seca*.

Maceió: Ediculte, 1989.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LAPA, José Roberto do Amaral. *Encontro com Ferreira de Castro. Minas Gerais*, Belo Horizonte 31 ago. 1974. Suplemento literário, p.4.

LINHARES, Temístocles, *História crítica do romance brasileiro: 1728- 1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. 2° v. p.371-399

LISBOA, K. M. Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX. In. **MOTA**, Carlos Guilherme da (Org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

MADEIRA, Angélica. Fraturas do Brasil: O pensamento e a poética de Euclides da Cunha. In. AXT, Gunter, SCHÜLER, Fernando (Orgs.). *Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2004.

MAGALHÃES, Luís de. *O brasileiro Soares*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. s.d.

MAIA, Florestan J. *Euclides da Cunha: uma vida acidentada, um estilo rude, uma obra importante*. Rio de Janeiro: Ministério dos Transportes.

MALARD, Letícia. *Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

_____. *Escritos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Comunicação, 1981.

MARQUES, Reinaldo M. e **BITTENCOURT**, Gilda Neves (Orgs.). *Limiares críticos: ensaios de literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

MENDES, Oscar. *O último livro de Ferreira de Castro. Minas Gerais*, Belo Horizonte 27 dez. 1975. Suplemento literário, p.10.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: ED. UFMG, 1992.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 13^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1976.

MORAES, Péricles. *Os intérpretes da Amazônia*. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2001.

MOTA, Carlos Guilherme da (Org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

MOURA, Clovis. *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MOURÃO, Rui. *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*. 2. ed. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1971.

PAIVA, José Rodrigues de. *Literatura e emigração. Da diáspora da aventura à diáspora da cultura*. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, Universidade Federal de Pernambuco, 1989.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PIZARRO, Ana. Voces del seringal: discursos, lógicas desgarramientos amazônicos. In: **D'ANGELO**, Biagio, **PEREIRA**, Maria Antonieta (Orgs.). *Estudios sobre literatura e cultura de la Amazonia*. Lima: Fondo editorial de la Universidade Católica Sedes Sapientiae, 2007.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *Borracha na economia brasileira da primeira república*. In: Fausto, B (Org.). *Historia Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

QUEIRÓS, Eça de. *Carta-prefácio*. In: MAGALHÃES, Luís de. *O brasileiro Soares*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. S.d.

SALEMA, Álvaro. *Ferreira de Castro: a sua vida, a sua personalidade, a sua obra*. Textos escolhidos e introdução por Álvaro Salema. Mira-Sintra: Europa-América, 1974.

SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3 v.

_____. Por que e para que viaja o europeu? In: *Nas malhas da letra*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- SAYAD**, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefácio Pierre Bourdieu; Trad. Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1991.
- SOUZA**, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao Neocolonialismo*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1978.
- _____. *Mad Maria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- SUSSEKIND**, Flora. *Tal Brasil, qual romance?: uma ideologia estética e sua história*. Rio de Janeiro: Achiame, 1984.
- TODOROV**, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- VASCONCELOS**, Carlos de. *Deserdados: romance da Amazônia*. Rio de Janeiro: Editora Leite Ribeiro, 1922.
- WEINSTEIN**, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência. 1850-1920*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.